

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
Maricê Léo Sartori Balducci

O setor têxtil de Americana – SP e a Educação Não Formal.

Americana
2014

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO

Maricê Léo Sartori Balducci

O setor têxtil de Americana – SP – e a Educação Não Formal.

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL - sob a orientação da Prof.^o Dr.^o Renato Kraide Soffner.

Americana

2014

Balducci, Maricê Léo Sartori.

B151s O Setor têxtil de Americana – SP e a educação não formal / Maricê Léo Sartori Balducci. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2014.
98 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL/SP.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Renato Kraide Soffner.

Inclui Bibliografia.

1. Indústria têxtil – Americana (SP). 2. Educação não formal. 3. Tecnologias Sociais. I. Título.

CDD 370.193

Maricê Léo Sartori Balducci

O setor têxtil de Americana – SP e a Educação Não Formal

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do grau de Mestre em Educação no Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 31/03/2014 pela comissão julgadora:

Banca examinadora

Prof.º Dr.º: Carlos Henrique Menezes Garcia

Instituição: Centro Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

Assinatura: _____

Prof.º Dr.º: Antônio Carlos Miranda

Instituição: Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Assinatura: _____

Prof.º Dr.º: Renato Kraide Soffner (Orientador)

Instituição: Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL

Assinatura: _____

Americana

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio e compreensão que tiveram durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de continuar aprendendo, pelas oportunidades sucessivas que a vida me oferece de caminhar sempre em frente vencendo as dificuldades que se apresentam.

Ao Professor Doutor Renato Kraide Soffner, coordenador do Programa de Mestrado em Educação Sociocomunitária do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unisal, unidade Americana – SP, e também orientador desta minha pesquisa que, além de ter sido a primeira pessoa com a qual conversei sobre a minha intenção, foi o grande incentivador desde os primeiros momentos, contribuindo com a elaboração deste trabalho, como também demonstrando que as dificuldades iniciais, provenientes da minha formação acadêmica poderiam ser superadas.

Aos professores do curso, Antônio Carlos Miranda, Eduardo Chaves, Maria Luiza Bissoto e Renata Sieiro Fernandes, responsáveis pelas disciplinas que cursei e que muito contribuíram para minha formação, dentro e fora da Instituição.

Agradecimento também para Vaníria Felipe Tozato sempre disposta a colaborar com as dificuldades que apresentei.

Aos colegas Manuel Janeiro e Rodrigo Tarcha, que se fizeram presentes dentro e fora das salas de aula, em conversas construtivas e animadoras, que muito me estimularam.

Aos Professores da Faculdade de Tecnologia - FATEC, Daniela Marchini e José Eduardo Figueiredo, pelas oportunidades no início da minha vida como docente.

À Prefeitura Municipal da cidade de Americana, na pessoa de Maria Aparecida Martins Feliciano e sua equipe, que forneceram todos os dados populacionais da cidade nos últimos 22 anos.

Aos entrevistados da primeira fase do trabalho, que ajudaram a contextualizar o problema e as consequências sofridas pela cidade de Americana em razão do acelerado processo de desemprego que ocorreu no setor têxtil, Angelino Raymundo (Zizo) Fortunato, Mario Zocca, João Batista Giordano, Herb Carlini, Eunice Maria Pimenta Contrigiani, Padre Reginaldo

Andrietta, Eduardo Lima, Danilo Cesar Bueno da Silva, Marcelo Virgilio, Adão Evaldo de Moura Souza, Pedro Furlan, José Luciano Domiciano da Silva e de forma especial a Ricioti Covesi Filho, que me abriu todas as portas possíveis e muitas vezes me acompanhou, para que eu pudesse conhecer e entrevistar pessoas que viveram o período em análise, mas principalmente, em consideração a ele, estiveram dispostas a contar o que sentiram. Sem a presença dele dificilmente eu teria conseguido em tão pouco tempo, obter tantas e tão ricas informações.

“Uma fábrica de tecido que fecha por não poder concorrer com os preços da produção asiática, por exemplo, significa não apenas o colapso econômico-financeiro do seu proprietário, que pode ter sido ou não um transgressor da ética universal humana, mas também a expulsão de centenas de trabalhadores e trabalhadoras do processo de produção. E suas famílias?”

(Paulo Freire, 2011)

RESUMO

Tendo como principal foco os trabalhadores do setor têxtil que sofreram com o rápido decréscimo das oportunidades de trabalho após o início da década de 1.990, a finalidade da pesquisa foi a de investigar a Educação Não Formal como Tecnologia Social na solução de demandas sociais. A escolha por pesquisar a Educação Não Formal, se deve ao fato de que ela reage de forma mais rápida, podendo ocorrer em diversos tipos de ambientes, com ações temporárias, bem como aplicadas a situações reais. A investigação incide sobre o período que vai desde o Plano Collor, que teve como uma das suas características, a mudança nas relações comerciais internacionais e na administração pública. Os períodos subsequentes até o ano de 2012 apresentaram outros componentes que agravaram a crise no setor, como a defasagem tecnológica do parque industrial, baixo crescimento econômico, e as taxas de câmbio. A escolha por Americana deu-se em razão da cidade estar historicamente ligada ao setor industrial de tecelagem e confecções e parte representativa da população trabalha no setor. A pesquisa de campo foi a abordagem escolhida, o procedimento foi o da pesquisa exploratória e a técnica adotada foi a de entrevistas. Os resultados obtidos permitiram identificar iniciativas com origem nas organizações ligadas ao empresariado, nos grupos religiosos e no sistema "S", ao longo do período em análise, trazendo efeitos positivos na vida das pessoas.

Palavras chaves: Setor Têxtil; Educação Não Formal; Tecnologias Sociais.

ABSTRACT

Aiming workers in the textile field which suffered from the fast decline of job opportunities after the beginning of the 1,990s, the purpose of this research was to investigate the Non-Formal education as Social Technology in the solution of social demands. The choice for researching Non-Formal education is due to the fact that it reacts more quickly and can occur in different types of environments, with temporary actions, as well as applied to real-life situations. The investigation focuses on the period that goes from the "Plano Collor" period, which had as one of its characteristics, the change in international trade relations and in public administration. The subsequent periods until the year of 2012 presented other components that have aggravated the crisis in the sector, such as the technological lag in the industry, low economic growth and exchange rates. The choice for Americana is due to the fact that the city is historically linked to the industrial sector of weaving and clothing and that significant part of the population works in industry. For approach it was chosen the field research, the procedure was the exploratory research and the technique adopted was the interviews. The results obtained allowed to identify initiatives from organizations related to the business community, religious groups and the "S" system, throughout the period under review, bringing positive effects into people's lives.

Key words: Textile industry; Non-formal Education; Social technologies.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Características presentes na Educação Formal e na Educação Não Formal.	22
QUADRO 02	Tecnologias Sociais: As quatro dimensões e as principais características.	30
QUADRO 03	Cursos e números de alunos inscritos no SENAI.	55
QUADRO 04	Subáreas e números de inscritos no SENAC.	57

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 01** Comparação do nível de emprego no Brasil e no Estado de São Paulo. 43
- GRÁFICO 02** Comparação do nível de emprego no Pólo Têxtil e Americana. 46
- GRÁFICO 03** Porcentagem da população de Americana empregada no setor têxtil. 46
- GRÁFICO 04** Comentários e identificação da época dos acontecimentos. 48

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS 01 e 02 Capas de apostilas do SEBRAE.

59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG	Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais.
ASA	Articulação do Semi-Árido Brasileiro.
CCPA	Centro de Capacitação Profissional de Americana.
CEF	Caixa Econômica Federal.
Cr\$	Cruzeiro
CUCA	Centro da Universidade do Conhecimento de Americana.
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
FAT	Fundação de Amparo ao Trabalhador
FBB	Fundação Banco do Brasil.
FIDAM	Feira Industrial de Americana.
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos.
GPS	<i>Global Position System</i> - Geoposicionamento por satélite.
GTA	Grupo de Trabalho Amazônico.
IEMI	Instituto de Estudos e Marketing Industrial.
IPF	Instituto Paulo Freire.
ITS	Instituto de Tecnologia Social.
LBV	Legião da Boa Vontade.
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia.
MDS	Ministério do Desenvolvimento e Combate à fome.
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego.
N Cz\$	Cruzado Novo.
ONG	Organização Não Governamental.
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.
POLOTECTEX	Polo Tecnológico da Indústria Têxtil e Confecções.
RAIS	Relação Anual de Informes Sociais.
RPI	Rede Paulista de Inovação.
RTS	Rede de Tecnologias Sociais.
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SESI	Serviço Social da Indústria.
TR	Taxa de Referência.
TS	Tecnologias Sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Educação Não Formal	19
2.2 Competências	23
2.3 Tecnologias Sociais	25
2.3.1 - Definições	26
2.3.2 - As dimensões das tecnologias sociais	29
3 METODOLOGIA	33
4 A PERDA DOS POSTOS DE TRABALHO NO SETOR TÊXTIL, AS CONSEQUÊNCIAS EM AMERICANA E AS INICIATIVAS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	37
4.1 Setor têxtil	37
4.2 Plano Collor	41
4.3 A perda dos postos de trabalho	43
4.4 As consequências econômicas sociais	47
4.5 As iniciativas e contribuições da Educação Não Formal como Tecnologia Social	51
4.5.1 Exemplo da Educação Não Formal como Tecnologia Social	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela resumo do numero de empregados no setor têxtil e dados populacionais de Americana

APÊNDICE B – Depoimento José Luciano Domiciano da Silva.

APÊNDICE C – Entrevista Eunice Maria Pimenta Contrigiani.

APÊNDICE D – Entrevista Herb Carlini.

APÊNDICE E – Entrevista João Batista Giordano.

APÊNDICE F – Entrevista Mário Zocca.

APÊNDICE G – Entrevista Pedro Furlan – Presidente da FIDAM.

APÊNDICE H – Entrevista Angelino Raymundo Fortunato - Zizo .

APÊNDICE I – Entrevista Ricioti Coversi Filho.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou conhecer a Educação Não Formal como Tecnologia Social na solução de demandas sociais com origem no grupo de trabalhadores do setor têxtil de Americana, que perdeu seus empregos no período compreendido entre o ano de 1990 até o ano de 2012. Esses fatores resultaram no desenvolvimento de competências, geração e ampliação de oportunidades, busca pela autonomia e melhorias das condições e qualidade de vida.

O problema que motivou a realização desta pesquisa foi: De que forma a Educação Não Formal como Tecnologia Social forneceu soluções para as demandas sociais dos trabalhadores do setor têxtil de Americana que perderam seus empregos entre os anos de 1990 a 2012?

O objetivo geral foi verificar se as iniciativas de Educação Não Formal na cidade de Americana durante o período analisado podem ser consideradas como Tecnologias Sociais. Para tanto, alguns objetivos específicos foram estabelecidos:

- Pesquisar a evolução do nível de empregos no setor e desta forma conhecer a dimensão do problema;
- Conhecer as repercussões e consequências na sociedade;
- Identificar e conhecer as iniciativas de Educação Não Formal e suas aplicações práticas.

A pesquisa foi delimitada na relação espaço-tempo à cidade de Americana, como importante geradora de postos de trabalho na região e o período compreendido entre os anos de 1989 até 2012, pela forte redução do nível de empregos no setor.

O trabalho apresenta relevância na medida em que no período em análise, 10.000 empregos formais deixaram de existir, comprometendo assim, projetos de vida de um número expressivo de pessoas na cidade referenciada.

A dissertação está organizada em cinco capítulos, assim distribuída:

Primeiramente apresentamos a introdução sobre o trabalho de pesquisa, o problema motivador, os objetivos, as limitações, a relevância e sua estrutura.

O Capítulo 2 tem o seu início na busca pelo entendimento do que é a Educação Não Formal, suas principais características, os ambientes mais

favoráveis para o seu desenvolvimento e sua presença como suporte às mudanças sociais. Na sequência apresenta o conceito de competências, que são necessárias tanto no contexto profissional como no pessoal para incrementar as condições necessárias ao enfrentamento da crise e, para finalizar o capítulo, é estudada a evolução do conceito de Tecnologias Sociais, destacando simultaneamente a metodologia do ITS (Instituto de Tecnologia Social) que permite classificar e distinguir as iniciativas, ações e experiências que possam ser classificadas como Tecnologias Sociais. Como referenciais teóricos foram consultados os autores: Fernandes e Aroeira (2006); Fernandes, Park e Simson (2007); Trilha e Ghanen (2008); Esteves e Montemor (2011); Gohn (2008); Príncipe e Diamante (2011); Chaves (2013); Perrenoud (2002); Soffner (2007); Dagnino, Brandão e Novaes (2004); Fernandes e Maciel (2010); Rodrigues e Barbieri (2008); ITS (2004) e (2012).

O Capítulo 3 trata sobre os procedimentos metodológicos, o uso combinado das pesquisas quantitativa e qualitativa, as quais se mostraram bastante adequada para o trabalho e teve como consultados: Tozoni-Reis (2007); Flick (2009) e Cavalcante (2012).

O Capítulo 4 teve como abertura o setor têxtil, sua importância, subdivisões, os efeitos das políticas de governo após 1990, o Plano de estabilização econômica do governo Collor, culminando na evolução do nível de emprego. Outros fatores que também contribuíram ao longo das últimas duas décadas para a redução dos postos de trabalho foram a chegada de novas máquinas que necessitavam de um número menor de trabalhadores com maior produtividade, o deslocamento da produção agrícola de matéria prima como o algodão, porém não se aprofundando no estudo das raízes dos problemas, mas principalmente nos desdobramentos com consequências econômicas e sociais. Como suporte teórico nos embasamos em: Teixeira (2007); Dias (1999); Keller (2005); Marchini (2006); Braga Jr e Hemais (2000); Harvey (1993); Porter (1998) e Embrapa (2003).

Acrescenta-se ao desenvolvimento do capítulo, entrevistas com representantes dos três setores da sociedade civil, que ajudaram na contextualização do problema e na identificação das repercussões. Surgiram também informações sobre as iniciativas de Educação Não Formal, ocasião em

que foram então ouvidos os senhores: Herb Carlini, representante do primeiro setor, o governo; Mário Zocca e Angelino Fortunato, em nome do segundo setor, o empresariado; Eunice Pimenta Contrigiani, representativa do terceiro setor, neste caso, sendo do movimento sindical dos trabalhadores e outros dois moradores, nascidos na cidade, Ricioti Coversi Filho e João Batista Giordano.

Para a identificação das iniciativas de Educação Não Formal, além das referências já feitas pelos entrevistados, foram realizadas visitas para obtenção de dados e informações no Centro de Capacitação Profissional de Americana – CCPA; ao Polo Tecnológico da Indústria Têxtil e de Confecções - Polo TecTex; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI; Serviço Social da Indústria - Sesi em suas duas unidades; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC; Feira Industrial de Americana – FIDAM. Foi colhido também, depoimento do representante do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana.

O Capítulo 5 relata as Considerações Finais sobre a pesquisa, sendo resgatado o problema motivador do trabalho, as principais iniciativas de Educação Não Formal como Tecnologia Social e sugestões para continuidade da investigação.

O trabalho se completa com os apêndices os quais contêm uma planilha dos dados sobre o emprego no Brasil, no estado de São Paulo, nas cidades do Polo têxtil de Americana, seguidas da transcrição das entrevistas e do depoimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Não Formal

As perspectivas da educação não formal ajudam a evidenciar o quão importantes e válidas se tornam às experiências educativas e formativas desse tipo, ocorrendo paralelamente à frequência escolar; permitindo afirmar que a educação não formal seja vista, então, como mais uma possibilidade de vivência educativa, atuando em outros setores em que a educação formal não atua, sem competir com ela, mas visando complementá-la (FERNANDES e AROEIRA, 2006, p.16.)

Para melhor entendimento do que é educação não formal e sua utilização no momento delicado vivido pela população dependente da indústria têxtil de Americana, recorreremos inicialmente ao Barão de Montesquieu que segundo Trilha e Ghanen (2008, p.15) afirma que recebemos três educações diferentes ou contrárias, sendo elas:

- a dos nossos pais;
- a de nossos mestres;
- a do mundo.

Jaume Trilha, em sua obra *“La educación fuera de La escuela: Ámbitos no formales y educacion social”*, analisada por Fernandes, Park e Simson, (2007, p. 16), classifica como educação informal aquela que não nos damos conta, não existe planejamento por parte dos ensinantes nem por parte dos aprendizes.

Por assim ser, trata-se de um processo que ocorre diariamente, nas relações com as pessoas e no meio em que vivem, não tendo fim determinado, isenta de sistematização, de organização, durando por toda a vida, tornando-se assim, cumulativa.

Os meios existentes para repassar o conhecimento são: a experiência, as práticas cotidianas e os exemplos, sempre carregados de valores, crenças, aspectos culturais e regionais.

Educação formal é aquela cuja forma segue uma legislação, ao passo que, a educação não formal possui forma, mas não é submetida a controle e regras das autoridades.

De acordo com Trilha E Ghanen (2008, p. 7), que recorrem a John Dewey para realçar que os programas têm objetivos relacionados a grupos necessitados, como se identifica com a pesquisa, apresenta como uma das suas características a necessidade de local específico, tempo, organização, regulamentação por órgãos oficiais, separação e hierarquização dos conteúdos e interessados.

Na educação que denominamos não formal ou assistemática, a matéria do estudo encontra-se diretamente na sua matriz, que é o próprio intercâmbio social. É aquilo que fazem e dizem as pessoas em cuja atividade o indivíduo se encontra associado.

Esteves e Montemor (2011, p. 109-204), acrescentam que projetos com foco em educação não formal são impulsionados por motivações diversas e representados pelas Igrejas, Institutos, Fundações, Comunidades de bairro, Empresas e ONGs, portanto, fora dos muros das escolas formais e integrantes do segundo e terceiro setor.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/96, no seu artigo 1º, apresenta um conceito ampliado de educação que engloba os processos formativos em outros espaços:

A educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (LDBEN).

No que se refere à Educação Não Formal e citando Gohn (2008, p. 7), a autora esclarece e aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações do chamado terceiro setor.

Seguindo esta linha, a LDBEN ampara a Educação Não Formal ao considerar que outros espaços e múltiplas maneiras podem ser compartilhados com fins educativos como também fazem parte do conceito de Educação no

Brasil e acrescenta que, a partir dos anos 1990 passou-se ainda a falar de uma cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extraescolares (GOHN, *ibid*, p. 92).

Esta pesquisa está inserida no período citado em que a economia, sociedade e o mundo do trabalho sofreram grandes mudanças. Príncipe e Diamante (2011, p. 1), afirmam que os processos de aprendizagem em grupos passaram a ser valorizados e os valores culturais que articularam as ações dos indivíduos ganharam grande importância.

Conforme ressaltam Fernandes, Park e Simson (2007, p. 18), fazendo referência a Barrie Brennan ao reconceituar educação não formal, sugerem a existência de três subtipos:

- O primeiro a classifica como complemento ao sistema formal, tendo como exemplo alunos excluídos das escolas ou adultos analfabetos;
- O segundo subtipo atua como alternativa à educação formal, aplicada em alguns casos de culturas diferentes ou em momentos de transição entre regiões colonizadas que se libertaram;
- O terceiro subtipo, que melhor se adapta à pesquisa define-se como um suplemento à educação formal. Essa modalidade de Educação Não Formal representa um rol de respostas educacionais que estão relacionadas aos mais recentes estágios de desenvolvimento de uma nação. As origens desse subtipo são encontradas nas mudanças que ocorreram como resultado da queda do bloco comunista, da consolidação da abordagem capitalista da economia e na política e da globalização do comércio e dos negócios. [...] Ela emerge quando se busca uma rápida reação às necessidades educacionais, sociais e econômicas de uma comunidade e a educação formal é lenta demais para atender a essas necessidades.

No contexto real, segundo Valéria Amorim Arantes, ao apresentar a obra de Trilha e Ghanen, esclarece:

[...] as propostas da educação não formal não surgem por geração espontânea, mas em decorrência de uma série de fatores sociais, econômicos, tecnológicos, etc. [...] A título de exemplo, citaremos ao acaso apenas alguns deles: [...] Transformações no mundo do trabalho que obrigam a operacionalizar novas formas de capacitação profissional (reciclagem, formação continuada, recolocação profissional etc.) (2008 p. 19).

Ainda de acordo com Valéria Amorim Arantes e, como destaque, também se enquadra nos motivos acima e vem de encontro à proposta da pesquisa:

O desenvolvimento de novas tecnologias, que permitem conceber processos de formação e aprendizagem à margem dos sistemas presenciais da escolaridade convencional (2008 p. 20).

Quando a educação não formal atua como suporte para as mudanças sociais pelo desenvolvimento econômico, algumas das principais características são relacionadas por Brembeck, apud Fernandes et al (2007 p. 20), as quais encontram-se apresentadas no Quadro 1:

QUADRO 01 - Características presentes na Educação Formal e na Educação Não Formal

Características	Formal	Não Formal
Conteúdo	Acadêmico / Teórico	Centrada em tarefas e habilidades Aplicação prática em situações reais
Tempo	Orientada para o Tempo Futuro - Longo Prazo	Orientada para o tempo presente – curto prazo
Visibilidade	Alta Fixada em Diferentes Locais	Baixa Ocorre em todos os locais, inclusive no espaço de trabalho.

Fonte: Fernandes , 2007 : adaptado pelo autor

Partindo da análise das características do item conteúdo dos projetos de educação não formal, notamos a necessidade de conhecer os conceitos e as formas de desenvolvimento das habilidades.

Concordando e reforçando a nossa preocupação, Chaves esclarece:

Nossa educação hoje, e por um bom tempo, não tem sido orientada para o desenvolvimento de competências e habilidades nos alunos, mas, sim para a absorção, por parte

deles, de conteúdos informacionais: fatos, conceitos e procedimentos (2013, p. 1).

Em complemento, Fernandes *et al* (2007, p. 16), comenta que o primeiro passo de um projeto de educação não formal é considerar os desejos e anseios da população com a qual se pretende trabalhar.

Dessa forma, podemos considerar que o ambiente da Educação Não Formal foi o que ofereceu as condições mais apropriadas para o desenvolvimento das competências e habilidades, que auxiliou os trabalhadores do setor têxtil de Americana a enfrentar as consequências da redução dos postos de trabalho, a partir do Plano Collor, em 1990.

2.2 COMPETÊNCIAS

Na busca do entendimento dos conceitos de competências e habilidades iniciamos por Perrenoud que alerta para as tendências atuais da formação escolar e profissional:

Hoje, porém, parece cada vez mais claro que tanto a formação escolar básica quanto a formação profissional justificam-se apenas se concentrarem no desenvolvimento das competências pessoais (2002, p. 10).

O mesmo autor em entrevista concedida no ano de 2000¹ define como competência, a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidade, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações.

Para melhor fixar a definição, Perrenoud exemplifica que, para orientar-se em uma cidade desconhecida, o indivíduo precisa saber ler um mapa, localizar-se, pedir informações, bem como possuir os seguintes saberes: ter noções de escala, elementos de topografia ou referências geográficas.

Caso a entrevista fosse realizada atualmente, o exemplo poderia acrescentar como forma de saber o uso de *GPS* (*Global Position System*), o

¹ Disponível em http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/ph_p_main/php_2000. Acesso 22/06/2013

registro da origem e destino em um dispositivo digital, tão comum nos aparelhos celulares modernos.

Em continuidade, o mesmo autor também relaciona outras competências ligadas a contextos culturais, profissionais e condições sociais. No âmbito pessoal e profissional podemos acrescentar o entendimento de (BLOOM *apud* SOFFNER, 2007, p. 66) que ressalta ser também necessário para o desempenho das atividades da vida, o que obrigou os trabalhadores do setor têxtil de Americana a partir de 1990 a procurarem melhor preparo e qualificação dentro e fora da indústria.

Neste sentido e referenciando Bloom *apud* Soffner:

Competências são conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para a vida, dentro de uma perspectiva de desempenho pessoal, profissional baseada em metas estabelecidas para o bom viver. É o preparo e a qualificação para o desempenho das atividades de vida (2007, p. 66).

Concordando com Chaves² em sua página pessoal, em apresentação sobre o tema Currículo e Competências, conceitua e acrescenta como sendo a capacidade de integrar habilidades, informações, conhecimentos, princípios, atitudes e valores. Destaca que os objetivos são permitir alcançar um alto nível de desempenho em uma área de atividade e resume da seguinte forma:

Competência, nesse sentido, é a capacidade de mobilizar habilidades, conhecimentos, informações, atitudes e valores para realizar um conjunto de tarefas determinadas, em nível de desempenho considerado superior. (Bloom, *apud* Soffner, 2007, pag 66).

Ao pesquisar e estudar o momento vivido pelo grupo de trabalhadores que perderam os seus postos de trabalho desde 1990 e os que ainda se encontram sob riscos trabalhistas, já que as ameaças ainda continuam, surgiu a necessidade de confirmar quais são os ambientes apropriados para o

² Disponível em <http://liberalspace.net/2013/09/05/o-desafio-das-competencias/> - Acesso 09/10/2013.

desenvolvimento das competências e novamente podemos encontrar em Soffner, referências sobre as formas ligadas à educação:

Através da educação formal e informal, capacitações (incremento e acréscimo), treinamento (incremento e acréscimo), experiência (aquisição natural, senso comum); além de outras oriundas de habilidades natas (genéticas e hereditárias) (2007, p. 67).

Fernandes, Park e Simson (2007, p. 18), também enquadram a educação não formal como forma de reação às necessidades comunitárias e, nesse caso, as consequências econômicas e sociais exigiram a criação de alternativas amenizadoras, mas para tanto, ações educacionais para desenvolvimento de novas competências foram necessárias.

Após estudar a importância da indústria têxtil na vida da comunidade de Americana, pela sua vocação histórica e sua importância na geração de trabalho e renda, nos deparamos com o surgimento do Plano Collor e suas consequências. Em seguida, passamos a conhecer os ambientes educacionais que puderam contribuir na criação de alternativas e até mesmo na requalificação dos trabalhadores da região, dentro e fora do setor.

A educação não formal surge, então, como uma das provedoras das condições necessárias para o desenvolvimento das competências e habilidades, no entanto ainda se tornou necessário saber se ela pode ser considerada como tecnologia social e como distinguir as ações ou programas que podem ser consideradas como tal.

2.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS

Tecnologia Social (TS) compreendendo produtos, técnicas e/ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação na vida social.

Rede de Tecnologias Sociais

A procura em conhecer de que forma a Educação Não Formal como Tecnologia Social contribui para a solução ou mitigação das demandas sociais geradas pelos trabalhadores que perderam os empregos na cidade de Americana no período em análise, tornou necessário pesquisar sobre a definição, dimensões e características do tema.

2.3.1 – Definições

Primeiramente surge a Rede de Tecnologias Sociais (RTS) criada em 2005 tendo como missão reunir, organizar, articular e integrar um conjunto de instituições e suas ações, com o propósito de contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável, mediante a reaplicação em escala de tecnologias sociais.

A RTS é coordenada por um comitê composto pelo Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT, Caixa Econômica Federal - CEF, Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP, Fundação Banco do Brasil – FBB, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, Petrobrás, SEBRAE, Articulação do Semi-Árido Brasileiro – ASA, Associação Brasileira de Organizações não Governamentais – ABONG, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: Grupo de Trabalho Amazônico – GTA, Instituto Ethos e Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria Geral da Presidência da República.

A definição de Tecnologia Social é algo recente e vem sendo construída desde a década de 1970. Para a RTS compreendem-se em produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

Para Dagnino, Brandão e Novaes (2004, p. 15), a Rede de Tecnologia Social - RTS tem duas características que a diferenciam de outras iniciativas em curso no país:

- A primeira é o marco analítico-conceitual que conforma o que denominamos “tecnologia social”;
- A segunda é justamente o seu caráter de rede.

Uma rede, composta por objetivos semelhantes, se apresenta como uma alternativa eficaz para a solução de problemas sociais aproxima-se da

realidade e consegue mais facilmente entender o desejo que a sociedade quer construir.

A criação e desenvolvimento de uma tecnologia social devem respeitar diversos fatores.

De acordo com Fernandes e Maciel:

[...] a transformação social, a participação direta da população, o sentido de inclusão social, a melhoria da qualidade de vida, o atendimento de necessidades sociais, a sustentabilidade socioambiental e econômica, a inovação, a capacidade de atender necessidades sociais específicas, a organização e sistematização da tecnologia, o diálogo entre diferentes saberes (acadêmicos e populares), a acessibilidade e a apropriação das tecnologias, a difusão e ação educativa, a construção da cidadania e de processos democráticos, busca de soluções coletivas (2010, p. 9 e 10).

Vários desses fatores estão presentes na pesquisa, já que buscamos conhecer como a Educação Não Formal, podendo ser classificada como Tecnologia Social, contribuiu na melhoria da qualidade de vida, atendeu demandas sociais específicas e colaborou em ações educativas na busca de soluções coletivas para os trabalhadores do setor têxtil de Americana.

As autoras também destacam a importância dos atores sociais discutirem e disseminarem as Tecnologias Sociais na criação da RTS:

A RTS é uma rede que reúne mais de 786 organizações de todo o país e do exterior entre organizações não governamentais, centros de pesquisa, cooperativas, empresas, escola de ensino médio, fundações, instituto, sindicatos, órgãos de governo nos níveis federal, estadual e municipal (FERNANDES e MACIEL, 2010 p. 10).

Podemos então entender que nos três setores da sociedade, as tecnologias sociais podem ser discutidas, desenvolvidas e implementadas. Ao analisarmos sob a ótica da pesquisa, percebemos que, ONGs, Sindicatos e Cooperativas são ambientes adequados para a materialização e aplicabilidade de tecnologias sociais, fato que nos orientou na escolha dos entrevistados, procurando conhecer as diversas visões dos componentes da sociedade civil.

A Educação Não Formal, segundo Brembeck, *apud* Fernandes *et al* (2007, p. 20), é aplicável em situações reais e orientada para o tempo presente, para o curto prazo. Entretanto e neste sentido, Rodrigues e Barbieri (2008, p. 1091), comentam que a tecnologia social baseia-se no capital social, na economia solidária e na capacidade das comunidades locais de superarem os seus próprios problemas.

A Educação Não Formal como Tecnologia Social, devem ter como ponto de partida as necessidades e problemas da coletividade, objetivando oferecer soluções aos problemas que compreendem desde a segurança alimentar, até o desenvolvimento local e a geração de trabalho e renda (ITS, 2012, p. 11), constituindo, portanto, em uma ponte, construída pelo conhecimento e suas aplicações, um vínculo prático e concreto entre os problemas sociais e suas soluções.

Mais recentemente, com o surgimento do Instituto de Tecnologia Social - ITS no ano de 2010 foram ampliadas as instituições dedicadas ao estudo e divulgação do tema o qual passa então a ser qualificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, tendo como principal missão: a promoção, a geração, o desenvolvimento e o aproveitamento de tecnologias voltadas para o interesse social, reunindo as condições de mobilização do conhecimento, a fim de atender as demandas da população .

O conceito de Tecnologia Social, divulgado pelo instituto é:

Conjunto de técnicas e metodologias, transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida (ITS, 2004, p. 26).

O ITS, em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT elabora e publica em 2012, o livro Tecnologia Social: experiências inovadoras em extensão universitária, com o objetivo de propor uma metodologia que permita distinguir as tecnologias sociais, o que nos sugere que o tema, além de ser recente, ainda se encontra em desenvolvimento.

Afora a definição de que o ponto inicial e final de uma tecnologia social deva ser a coletividade, o que vem de encontro a nossa pesquisa, motivada

pelas demandas sociais geradas pela redução dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana, espera-se dela algumas características, a saber:

- Sejam relevantes socialmente: produza impactos sociais ou efeitos significativos de inclusão social, diminuição de injustiças sociais, melhoria das condições e qualidade de vida;
- Estar fundamentada no âmbito dos direitos humanos: possuir qualidades de cidadania e adotar métodos participativos.

Desta forma, a ITS (2012, p. 11), destaca que derivam de suas principais características a dimensão educativa e apropriação de novos saberes, visando contribuir para a aquisição do máximo empoderamento por parte de seu público alvo.

Na aplicação em nossa pesquisa, pode-se considerar que os novos conhecimentos ou habilidades fortaleceriam as ações em busca da autonomia e facilitariam a criação de oportunidades, com consequências positivas na sociedade.

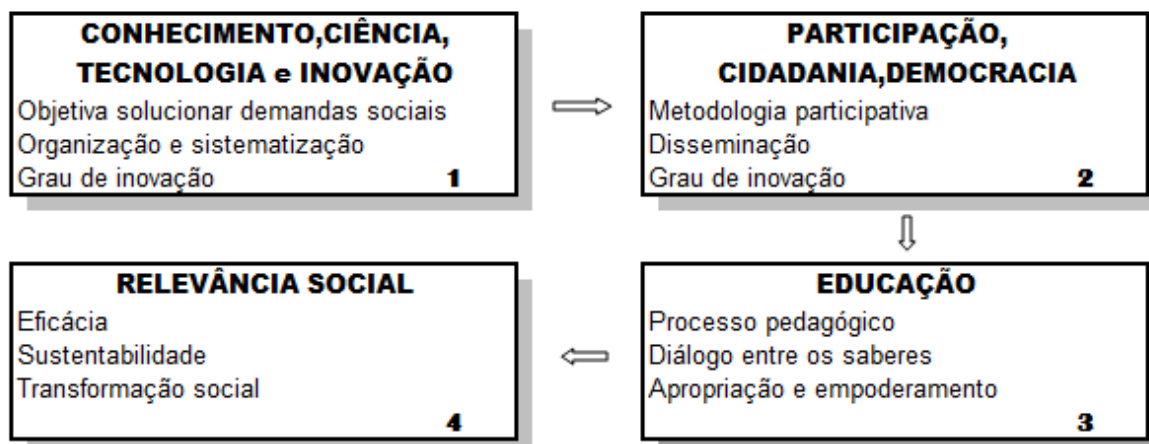
2.3.2 As dimensões das tecnologias sociais

Para facilitar a classificação das Tecnologias Sociais (TS) é proposto pelo ITS que, quando oferecida sob a forma de programa, atividades, ações ou experiências, deva atender as seguintes dimensões essenciais:

- Conhecimento, ciência, tecnologia, inovação;
- Participação, cidadania, democracia;
- Educação;
- Relevância Social.

O quadro a seguir demonstra a interação e dinâmica das quatro dimensões das tecnologias sociais.

QUADRO 02 – Tecnologias Sociais: As quatro dimensões e as principais características



Fonte: ITS – Adaptado pelo autor.

A sequência apresentada considera a criação e o desenvolvimento de uma Tecnologia Social partindo de sua concepção, implantação e funcionamento, até a produção dos resultados esperados.

Dimensão n.º 1 – Conhecimento, Ciência, Tecnologia e Inovação: trata-se da dimensão central das Tecnologias Sociais e que, por conceito, caracteriza-se por aplicar todos os recursos indicados para a identificação e resolução das demandas sociais. Fundamentam-se em pesquisas, conhecimentos populares, científicos ou tecnológicos, mas com o objetivo de solucionar os mais variados problemas da comunidade. Outra característica que pode se apresentar é a de organizar e sistematizar a aplicação do conhecimento, tendo em vista que, na prática, existem entraves, omissões e dificuldades que interferem na implantação da solução e as necessidades da comunidade.

Dimensão n.º 2 – Participação, Cidadania e Democracia: as tecnologias sociais não se restringem a produzir apenas as soluções para as demandas da população, como também em estabelecer um modo de fazer e, para isso, devem funcionar de forma participativa, motivadora para as pessoas e instituições, envolvendo a sociedade civil e, principalmente, criando oportunidades de disseminação e multiplicação. Por este motivo, as entidades

criadoras de Tecnologias Sociais procuram partilhar com a população o poder de decidir as demandas sociais mais importantes.

Dimensão n.º 3 – Educação: para a pesquisa realizada, a dimensão da Educação é muito importante, uma vez que se investigou a Educação Não Formal como Tecnologia Social. Elas possuem um sentido pedagógico que gera diversos aprendizados para a população a que se pretende atender. Em parte, deve-se à participação e interação dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, cujo objetivo final consiste na apropriação da população no que se refere às Tecnologias Sociais, aumentando a autonomia, valorizando os conhecimentos populares sem enfatizar o distanciamento ou rompimento com o saber técnico. Reforça e destaca a harmonia, a reciprocidade e o diálogo entre ambos sendo que, muitas vezes, desenvolvem parcerias entre instituições de ensino. No Capítulo IV encontraremos exemplos dessa interação no ambiente pesquisado.

Dimensão n.º 4 – Relevância Social: A relevância social, como característica da Tecnologia Social, leva em conta os resultados delas esperado pela comunidade, ou seja, a sua eficácia na solução da demanda social, do problema, ou da necessidade. Também se deve valorizar sua eficiência pela melhor adequação entre os meios utilizados e os efeitos ou resultados. Dentre eles podem ser identificadas melhorias na qualidade de vida, inclusão social, autonomia no sentido de viver pela própria capacidade por meio de habilidades e competências desenvolvidas no contato com a Tecnologia Social, como também a autoestima da comunidade, desenvolvimento econômico local, entre outras.

Seguindo a metodologia proposta pelo ITS para considerar como Tecnologia Social a Educação Não Formal em Americana no período de 1990 a 2012, nossa pesquisa procurou determinar :

a) Se a perda dos postos de trabalho no setor têxtil provocou consequências na comunidade, tais como alterações na qualidade de vida, mudanças nas expectativas e projetos pessoais, alterações econômicas e sociais na cidade supracitada, gerando demandas sociais;

b) A forma como a comunidade se organizou, bem como as iniciativas que foram tomadas e por quais entidades;

c) Se as ações e participações foram abertas a todos de uma forma democrática e se houveram disseminações e continuidade;

d) Se a população se apropriou, assimilou e aproveitou os conhecimentos;

e) Quais foram os resultados e modificações ocorridas na sociedade em resposta às demandas sociais.

Em seguida, no capítulo 4, vamos conhecer a evolução da perda dos postos de trabalho no setor têxtil nacional, regional e local, os efeitos na economia e sociedade local e as iniciativas e contribuições da Educação Não Formal como Tecnologia Social na solução de demandas sociais.

3 METODOLOGIA

A pesquisa em Educação, assim como as pesquisas em outras áreas das ciências humanas e sociais é essencialmente qualitativa [...] No entanto é preciso compreender a diferença entre a abordagem quantitativa, que dá ênfase aos dados visíveis e concretos e a qualitativa naquilo que não é aparente – no mundo dos significados, das ações e relações humanas-

(TOZONI-REIS, 2007, p. 07)

O método de abordagem declarado para este trabalho foi o da pesquisa de campo, conhecendo os fatos, como e quando ocorreram, propiciando o estudo das relações entre eles.

Quanto ao procedimento adotado foi o da pesquisa exploratória, para a maior familiaridade e dimensionamento do problema e a técnica para a coleta de dados foi a combinação de pesquisa quantitativa junto as bases oficiais de dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE e pesquisas qualitativas através de entrevistas semiestruturadas.

A combinação das pesquisas quantitativas e qualitativas é comentada por Flick (2009, p. 32 e 39) que juntas, fornecem um quadro mais geral da questão em estudo, verificam e comparam os resultados, permitem superar as limitações de um processo único por combinar diversos métodos e dar-lhes igual relevância. Levam em conta as duas abordagens, incluindo suas peculiaridades teóricas metodológicas, sem qualquer tipo de subordinação de uma sobre a outra.

Os resultados quantitativos e qualitativos convergem, confirmam-se mutuamente e fundamentam as mesmas conclusões. Eles são úteis para conhecer melhor o assunto, pois focam de forma diferente a mesma questão.

A pesquisa foi dividida em duas grandes etapas, sendo que a primeira podemos classificá-la como pré-pesquisa e teve como objetivo auxiliar na contextualização do problema. Para tanto, foram escolhidas pessoas que vivenciaram o período compreendido na pesquisa, ou seja, de 1989, ano anterior ao início do Governo Collor, que foi usado como referência, até 2012.

Desta forma, foi possível ter uma visão dos mais variados pontos de vista. Os escolhidos, entretanto, foram representantes dos três setores da sociedade civil.

O primeiro setor, representado pelo Poder Público, trouxe as impressões do Secretário Municipal de Educação de Americana, que posteriormente também ocupou o mesmo cargo em Santa Barbara D'Oeste, estando a frente da área na região por cerca de 16 anos.

O segundo setor, representado pelas indústrias, teve a participação de dois empresários, sendo que um deles continua atuando no setor têxtil e o outro, continuou no setor por parte do período analisado, mas trocou de ramo de atividade. Ambos também estiveram presentes na vida pública, como dirigentes de associações de classe, sindicatos e um deles na câmara municipal de Americana como Vereador.

O terceiro setor, representado pelas organizações sem fins lucrativos, contou com a colaboração de uma ex-tecelã que participou ativamente do movimento sindical dos trabalhadores e que ainda atua nos movimentos sociais, além de ser assessora parlamentar. Portanto, no período em análise participou dos três setores. Outra contribuição dada por um dos entrevistados, que pode ser usada como representativo dos segundo e terceiro setor, foi a de um ex-funcionário do setor têxtil que após alguns anos de crise, passou a ministrar cursos de curta duração em empreendedorismo ligado a uma instituição do terceiro setor.

Pudemos então, ao conhecer os relatos e testemunhos, captar emoções e situações que tiveram consequências individuais e coletivas na sociedade de Americana naquele período. Em acréscimo, e em um exemplo claro da interferência da redução da oferta de empregos no setor têxtil no projeto de vida de uma pessoa, foi entrevistado um professor universitário, filho de trabalhador do setor, que após encontrar dificuldades para recolocação, passou a investir na carreira acadêmica e atua em instituição pública regional.

As perguntas referenciais, feitas para estimular e permitir aos entrevistados discorrerem livremente sobre os temas que colaboraram na contextualização do problema foram as que seguem:

1. A abertura econômica iniciada no Governo Collor provocou a diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana? Foi de forma uniforme ou afetou mais algumas categorias profissionais?

2. Quais os setores da sociedade se mobilizaram para amenizar os impactos causados pela redução dos empregos? Governos, Empresas, ONGs, Sindicatos, Grupos Religiosos, Clubes de Serviços, Associações? O que elas fizeram? De onde vieram os recursos?

3. O senhor/senhora conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool? Tiveram dificuldades de encontrar outra atividade que pudesse sustentá-los?

4. O senhor/senhora acha que os recursos atuais de comunicação através de computadores se estivessem disponível na época (1989/1990) poderiam ter ajudado de alguma forma? E atualmente, já que as ameaças continuam, estas tecnologias poderiam contribuir para melhorar as condições de vida, cidadania, mobilizar as pessoas em torno de causas que melhorem a sua vida, educar e desenvolver habilidades dentro e fora do setor têxtil, reconstruir projetos de vida, buscar a autonomia?

5. Em sua opinião, além das escolas tradicionais, quais seriam os locais/ambientes/instituições/grupos que poderiam em conjunto com as tecnologias dar a comunidade novas oportunidades?

Em paralelo foi conduzida revisão de literatura sobre Educação Não Formal, Competências e Tecnologias Sociais.

A segunda etapa teve uma pesquisa de campo, junto às entidades da sociedade civil relacionando as iniciativas da Educação Não Formal na solução das demandas do grupo de trabalhadores em risco social, e as estratégias desenvolvidas para aumentar a capacidade de sobrevivência no mercado de trabalho. Foi necessário conhecer sobre o setor têxtil, Plano Collor como início da delimitação proposta no tempo, porém restrito aos itens que interferiram no ambiente industrial da cidade. A partir de então, efetivar a análise da queda do

nível de empregos e suas consequências econômicas e sociais e encerrando como as iniciativas da Educação Não Formal como Tecnologia Social.

A análise dos dados quantitativos, feita de forma descritiva, teve como base as estatísticas oficiais do Ministério do Trabalho e Emprego, que se originam da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), cobrindo os últimos 22 anos. O envio obrigatório por parte das empresas e o acesso aos dados através do site oficial, garantiram a credibilidade dos dados mais abrangentes do que dados amostrais.

Os objetivos da produção e disponibilização dos dados são:

- O suprimento às necessidades de controle trabalhista no país;
- Provimento de dados para a elaboração de estatísticas do trabalho;
- Disponibilização das informações para diversos usos.

Após a preparação e organização do banco de dados, foram iniciados os recortes buscando comparar a disponibilidade dos postos de trabalho, ao longo do período em análise, nos âmbitos nacional, estadual, regional – Polo têxtil – e local.

Para a comparação e relativização entre os postos de trabalho e a população de Americana, foi solicitado à Prefeitura Municipal, Departamento de Estatística e fornecido na sequência, o número de habitantes em todos os anos, tendo como base os censos demográficos decenais, com interpolações de dados anuais.

O uso combinado das informações quantitativas e qualitativas permitiu contextualizar o problema, conhecendo o número de desempregados do setor têxtil e as consequências na sociedade. Neste sentido, concordam Ludke e André, *apud* Cavalcante (2012, p. 54), ao afirmarem que a pesquisa qualitativa é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada, enquanto os aspectos estruturais são analisados através das informações quantitativas.

4 A PERDA DOS POSTOS DE TRABALHO NO SETOR TÊXTIL, AS CONSEQUÊNCIAS EM AMERICANA E AS INICIATIVAS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.

Vários fatores contribuíram para o surgimento e fortalecimento da indústria têxtil em Americana e Região, dentre eles, a disponibilidade de matéria prima (algodão), as iniciativas para geração regional de energia elétrica, a infraestrutura logística composta por rodovias e ferrovias, além da proximidade de grandes centros consumidores, como a cidade de São Paulo.

Mas os aspectos favoráveis foram insuficientes para que a região, e em especial a cidade de Americana, não fosse afetada pelas mudanças ocorridas no início da década de 1990. Mudanças que, no ambiente interno, foram ocasionadas pelo Governo Collor e, no ambiente externo, pelas novas práticas comerciais internacionais, seguida pelos aspectos ligados a produtividade, períodos de baixo crescimento do mercado interno, valorização da nossa moeda, e, mais recentemente, pela mudança de eixo da produção de algodão e os incentivos fiscais, conhecido como “Guerra Fiscal”³, fazendo com que as empresas busquem outros estados da federação para se instalar.

4.1 Setor têxtil

Entre as formas mais antigas de trabalho humano estão a fiação e tecelagem e pode ser considerado como um indicador direto entre as técnicas de produção com a evolução das sociedades.

No Egito Antigo, técnicas primitivas utilizavam-se dos teares manuais e, essas práticas ainda estão presentes nos equipamentos automáticos de nossos dias.

O setor têxtil no passado foi um dos motivadores da Revolução Industrial iniciada no continente europeu no século XVIII, principalmente, pelo uso de

³ Guerra Fiscal: Práticas competitivas entre Estados de uma mesma federação, visando atrair investimentos privados, através de benefícios fiscais como redução, suspensão temporária ou isenção de impostos. Para nossa pesquisa, o principal fator é a redução do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) para as importações.

máquinas a vapor, acionando teares mecânicos, em substituição à força humana e animal até então utilizadas. O aumento significativo na produção provocou consequências positivas em outras atividades econômicas como no transporte e na infraestrutura de portos, o que reforça a importância e consolida o ponto final da atividade primitiva artesanal.

Com ela, outras mudanças também surgiram como a que levou os trabalhadores a perderem o controle da produção começando a trabalhar para um patrão, afastando-os da posse das matérias primas, do produto final e, por consequência, do lucro, o que culminou no encerramento do ciclo do Sistema *Putting-out*, ou Sistema doméstico, pois as atividades eram realizadas nas casas dos artesões.

Considera-se como setor têxtil, as indústrias produtoras de fios, tecidos, confecções e acabamentos, sendo que, o processo produtivo pode ser sequencial, numa mesma planta industrial ou em várias unidades fabris. Basicamente, as etapas são: a produção de fibras, químicas como o poliéster ou naturais como o algodão, seguindo na produção dos fios, tecelagem, acabamento e confecções. Este segmento industrial é intensivo em mão de obra, o que torna relevante a questão do emprego no âmbito econômico e social.

No Brasil, segundo Teixeira (2007, p. 41), somente na segunda metade do século XIX, o estado de São Paulo começa a destacar-se, combinando as culturas voltadas para a exportação como o café, com a produção de matérias primas para a então nascente indústria têxtil que necessitava de algodão.

A cidade de Americana se integra ao setor produtivo têxtil nacional em 1875 com a primeira instalação industrial⁴. A partir de então, a relação e dependência entre a comunidade e o setor têxtil foi se intensificando.

A partir dos anos 1950 até 1960, a indústria se consolida na região e passa a enfrentar alternadamente períodos de crise e de crescimento da produção. Já mais recentemente e dentro dessa perspectiva, Dias (1999, p. 2), analisa e destaca os impactos provocados pela abertura comercial, ocorrida em 1990, com drástica redução das alíquotas de importação, o que provocou a

⁴ Fábrica de Tecidos Carioba.

exposição das empresas locais aos problemas da falta de competitividade. Dias, *ibid* (p. 99) acrescenta que na região de Americana, a indústria têxtil é a principal geradora de empregos, mas deixou de ser um acontecimento regional.

Keller, ao analisar os dados de âmbito nacional enfatiza:

Os efeitos mais nefastos foram a redução do número de unidades produtivas e o crescimento do desemprego no setor. Segundo dados do 1.º Relatório do Setor Têxtil Brasileiro do IEMI (2001), comparando o número de unidades produtivas entre os anos de 1990 e 2000, houve drástica redução no setor têxtil (-33,1%), com o segmento de tecelagem liderando as baixas com (-70,7%) e o segmento de malharias com menor baixa (-15,2%) (2005, p.7).

Do mesmo modo, Marchini (2006, p. 69 e 79), destaca que a queda das alíquotas provocou entre os anos de 1991 e 1995 um incremento nas importações efetivas de tecidos de 1234%, que, como consequência, diminuiu a participação da produção no mercado nacional. As cidades de Franca e Americana, ambas localizadas no estado de São Paulo, líderes na produção de calçados e tecidos, respectivamente, foram as que mais sofreram com este impacto.

Entre os motivos para o forte impacto na produção e competitividade, que trouxe consequências dramáticas nos postos trabalho, Braga Jr e Hemais (2000, p. 26), relacionam o mercado protegido por muito tempo e a incapacidade do mercado interno em absorver a produção.

Entretanto, Keller chama a atenção para o fato de que, somente a atualização tecnológica, não fornecerá a base para o aumento da competitividade, mas deve ser acrescida por componentes do saber:

A simples atualização tecnológica não fornecerá a base para uma inserção competitiva das empresas da cadeia. A transformação das indústrias têxtil e de confecção em uma indústria de conhecimento intensivo (tendência mais forte na indústria têxtil) enfatizando a necessidade de focar os componentes do saber que dominam o processo de mudança tecnológica, tais como *design*, engenharias, manutenção, gestão e *marketing* (2005, p. 16).

Harvey (1993, p. 151) afirma que o acesso ao conhecimento científico e técnico sempre teve importância na luta competitiva.

Como observa Dias, algumas tentativas para amenizar os impactos foram tomadas e soluções já conhecidas em outros setores empresariais como a formação de *Cluster*⁵, acabou incentivando a criação do Polo Têxtil de Americana, caracterizando-se geograficamente pelo conjunto dos municípios de Americana, Santa Bárbara D'Oeste, Nova Odessa e Sumaré (1999, p. 48).

Aproveitando a ideia, surge o POLO TEC TEX, que define a sua área de atuação e seus principais objetivos ao ser reconhecido pela Lei Estadual n.º 11274/02 como sendo:

O Polo Tecnológico da Indústria Têxtil e de confecções dos municípios de Sumaré, Santa Barbara D'Oeste, Nova Odessa, Hortolândia e Americana foram criado em 2002 com o missão de reunir e representar toda a cadeia produtiva do setor têxtil e de confecção da região. Essa representação se deu através da necessidade de uma entidade forte e competente para trabalhar o desenvolvimento econômico, político e institucional das indústrias do setor na região no Brasil e no exterior. Define como seus principais objetivos: Geração de emprego, renda e inserção social; Aumento dos negócios da cadeia têxtil na região e fora dela, inclusive no exterior; Desenvolvimento produtivo e inovativo da atividade produtiva têxtil e de confecções da região; Incentivo às atividades de pesquisa científica e tecnológica [...], inclusive com a criação de centro de capacitação de recursos humanos.

O objetivo de criar um centro de capacitação de recursos humanos em uma instituição do terceiro setor demonstra a preocupação do setor empresarial com as ameaças e, neste sentido, surge a Educação Não Formal como alternativa.

O início da década de 1990 concentra importantes fatos que provocaram alterações na estrutura do setor industrial nacional e, na área têxtil, também

⁵ *Clusters*: Porter define como o aproveitamento de sinergismos para indústrias do mesmo ramo, concentradas em uma região geográfica, que tenham fornecedores de matérias prima, máquinas, mão de obra e materiais similares, que possam ter os mesmos organismos governamentais e educacionais como fonte de apoio e desenvolvimento, e trabalhem juntos na divulgação de seus produtos (1998, p. 77).

não podia deixar de ser notado, uma vez que apresentou consequências nas áreas tecnológicas de produção, bem como nas relações com os mercados consumidores e o mercado de trabalho, vindo a coincidir com o início do governo Fernando Collor de Melo, cuja principal ação na fase inicial de seu governo, foi a implantação de um ousado e agressivo plano de estabilização econômica, conhecido como “Plano Collor”, sobre o qual passamos a comentá-lo.

4.2 Plano Collor

Em 1989 após quase três décadas sem eleger um Presidente da República pelo voto direto e conforme estabelecido pela Constituição Federal de 1988, foi eleito Fernando Collor de Melo por meio de eleições livres. Seu curto mandato iniciou em Março de 1990 e foi encerrado em Dezembro de 1992, através de um processo de cassação por corrupção, ocasião em que foi afastado do poder e teve seus direitos políticos suspensos por oito anos.

No entanto e, apesar do curto espaço de tempo, ações drásticas para conter a hiperinflação, mudanças significativas na gestão pública e o início de uma intensa abertura comercial, foram iniciadas e em parte seguidas pelos seus sucessores.

A mudança das ações do Estado, uma das características do plano implantado, não foi ato isolado em nosso país.

Harvey (1993, p. 117), afirma que, no final do século XX, houve transformação na economia política do capitalismo e que são abundantes os sinais e marcas de modificações, em especial nos processos de trabalho, nas configurações geográficas e geopolíticas e nos poderes e práticas do Estado.

Os Planos Collor I e II foram implementados respectivamente em Março de 1990 e, diante da impossibilidade de conter a inflação, a segunda versão se aplica em Janeiro de 1991.

Os objetivos do primeiro plano – 1990 – foi o de atacar a inflação em três diferentes frentes: redução do excesso de liquidez, corte do déficit público e desindexação.

O bloqueio bancário dos saldos de pessoas físicas e jurídicas acima de N Cz\$ 50 (Cinquenta Cruzados Novos) tinha como lógica a diminuição dos

meios circulantes e esperava-se, com isso, que haveria menos pressão inflacionária. Porém, Pastore (1991, p. 158) interpreta que do ponto de vista monetário, foi um imposto sobre o capital, pois a promessa de devolução em 18 meses com correção monetária pré-estabelecida de 6% a.a., foi muito inferior à inflação no mesmo período.

A troca da moeda, de Cruzado Novo (N Cz\$) para Cruzeiro (Cr\$) tinha dois propósitos:

- Permitir o bloqueio sem ferir a lei, já que os recursos seriam devolvidos em uma nova moeda;
- Marcar o momento da mudança da política econômica.

O início da abertura comercial previa redução gradual das tarifas de importação com o objetivo de estimular a competitividade e a entrada de produtos importados, obrigando assim os produtores nacionais a conter os preços.

Além dos impactos no fluxo de caixa das empresas do setor têxtil e, de acordo com Marchini (2006, p. 70), as alíquotas de importação dos tecidos similares aos produzidos na região caíram de 70% para 40% em 1990 e até 1995 no programa de redução gradual atingiram o patamar de 18%. Tais reduções jamais foram esperadas pelos empresários e talvez nunca vistas nos processos econômicos modernos.

A segunda versão do Plano, implementada no início de 1991, teve como objetivo uma nova tentativa de conter a inflação, usando ações já testadas anteriormente como o congelamento e controle de preços e salários, sendo que, essas alterações só eram possíveis após análise da área econômica do governo.

Buscou-se também, nessa versão, diminuir a indexação da economia, inibindo a aplicação integral das correções automáticas de preço e nos rendimentos de aplicações financeiras, que passaram a ser remunerados pela Taxa de Referência (TR).

As consequências do plano, na oferta e ocupação dos postos de trabalho, estão demonstradas no próximo tópico, com dados estatísticos e os comentários dos entrevistados na pré-pesquisa para a contextualização do trabalho.

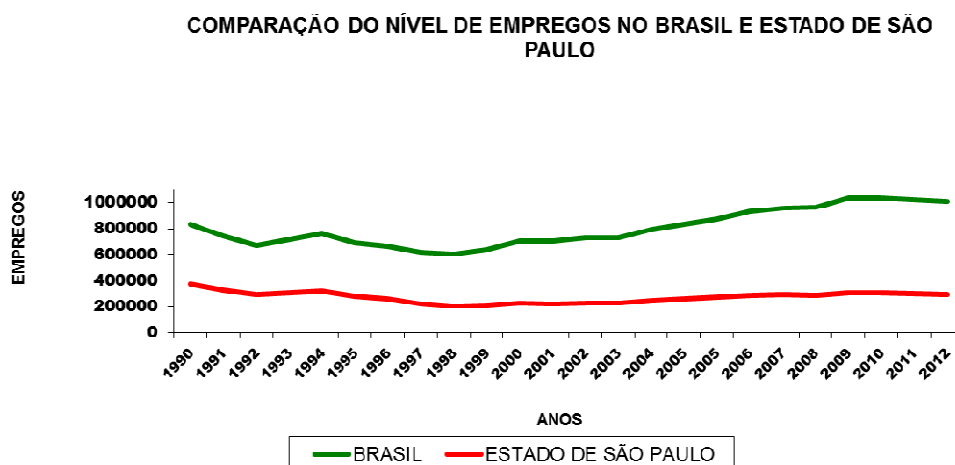
4.3 A perda dos postos de trabalho

A elaboração do banco de dados que permitiu conhecer o comportamento e a queda dos postos de trabalho na indústria têxtil teve como base a RAIS (Relação Anual de Informes Sociais). Os declarantes que geram as informações são a totalidade dos estabelecimentos regulares no país, o que permite uma análise integral do mercado formal no período proposto na pesquisa.

O gráfico n.º 01 mostra o número de pessoas empregadas no final de cada ano no Brasil, no estado de São Paulo e nas cidades componentes do Polo Têxtil e em Americana.

Para melhor comparação, foi incluído o ano de 1989, pois os dados da RAIS retratam o número de empregos no final do ano e, considerando que o Governo Collor teve início em Março de 1990, os dados de Dezembro do ano anterior permitem uma melhor análise comparativa.

GRÁFICO 01 - Comparação do nível de emprego no Brasil e no Estado de São Paulo



. Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS

No Brasil, o número de pessoas empregadas até o final do ano de 1989 era de 916.112, após fortes quedas, vindo a se recuperar a partir de 2007 com 929.387, sendo que, em 1998 atingiu o pior desempenho, com apenas 605.300 postos ocupados. Importante ressaltar que, neste ano, 34% a menos de

empregos no setor foram registrados ao passo que, em 2012 eram 1.011.714 trabalhadores no país, significando 10% acima do ano referencial.

No entanto, no estado de São Paulo, no Polo Têxtil e, em Americana, não houve recuperação e o número de pessoas empregadas em 2012 representavam respectivamente 71%, 76% e 58% demonstrando a severidade da crise, destacando-se os anos de 1998 e 1999 quando na cidade apenas 54% dos empregos se mantiveram. A recuperação do mercado de trabalho ocorrida no país indica a mesma testemunhada no estado de São Paulo.

Os empresários ouvidos, sobre os motivos que levam os níveis de emprego do país se apresentar diferentemente do estado de São Paulo, Polo Têxtil e Americana, comentaram que a partir do ano 2000, acirrou-se a *Guerra Fiscal* permitindo que matérias prima, tecidos e confecções quase prontas, pudessem ser importados em melhores condições através de estados como o Ceará e Mato Grosso do Sul. Desta forma, as empresas de confecção buscaram se instalar ou até se transferiram para aqueles Estados, recrutando muita mão de obra para a fase de acabamento, ou seja, a costura.

Outro motivo alegado e agora ligado à agricultura foi a mudança do eixo da produção de algodão saindo da região sudeste em direção à região centro-oeste. Os estados de São Paulo e Paraná, grandes produtores passaram a liderança para os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, encarecendo assim a matéria prima para os produtores de fios do nosso estado.

Em concordância com os comentários dos empresários, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA destaca em seu relatório sobre a produção de algodão no cerrado o que segue:

A segunda metade da década de 90 significou um marco na migração da cultura do algodoeiro, das áreas tradicionalmente produtoras para o cerrado brasileiro. Hoje esta região responde por 84% da produção brasileira de algodão, tendo o estado de Mato Grosso como maior produtor brasileiro. O sucesso da cultura do algodoeiro no cerrado tem sido impulsionado pelas condições de clima favorável, terras planas, que permitem mecanização total da lavoura e programas de incentivo à cultura implementada pelos estados da região (2003, p. 1).

Na análise regional, comparando a cidade de Americana com o conjunto de cidades componentes do Polo Têxtil, o gráfico de número 2 mostra uma coerência entre os níveis de emprego.

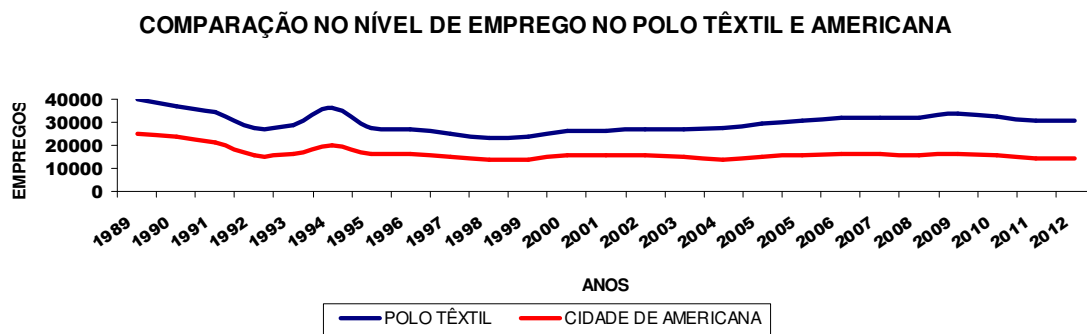
Quando investigado junto aos empresários a razão para uma melhoria entre os anos de 1994 e 1995, o fato foi atribuído ao fato que, da mesma forma como as alíquotas de importação foram baixadas para os produtos têxteis, o mesmo ocorreu para as máquinas, entretanto, o empresariado demorou em tomar a decisão de importá-las.

Com a chegada, montagem, treinamento e início das operações foi necessário a contratação de funcionários, porém, a economia e o mercado não reagiram da forma esperada e as demissões voltaram a acontecer, pois os novos equipamentos produzem mais com menor necessidade da mão de obra. Tomando como exemplo, um trabalhador cuidava de 2/4 dos teares antes da modernização e, atualmente, cuidam de 5/8 máquinas que, produzem mais, param automaticamente ao rompimento de algum fio, facilitando a reparação e emendas, evitando o retrabalho de desmanchar o tecido feito com falta de uma linha.

Outro fato que não se pode deixar de considerar é o surgimento da indústria de confecções, como forma de agregar valor e chegar mais próximo do consumidor final, dificultando assim, a concorrência internacional pela velocidade de reação das demandas do mercado.

Surgem assim, várias confecções por meio de cooperativas de serviços, o que contribuiu para que este contingente deixasse de ser classificado como trabalhadores do setor têxtil.

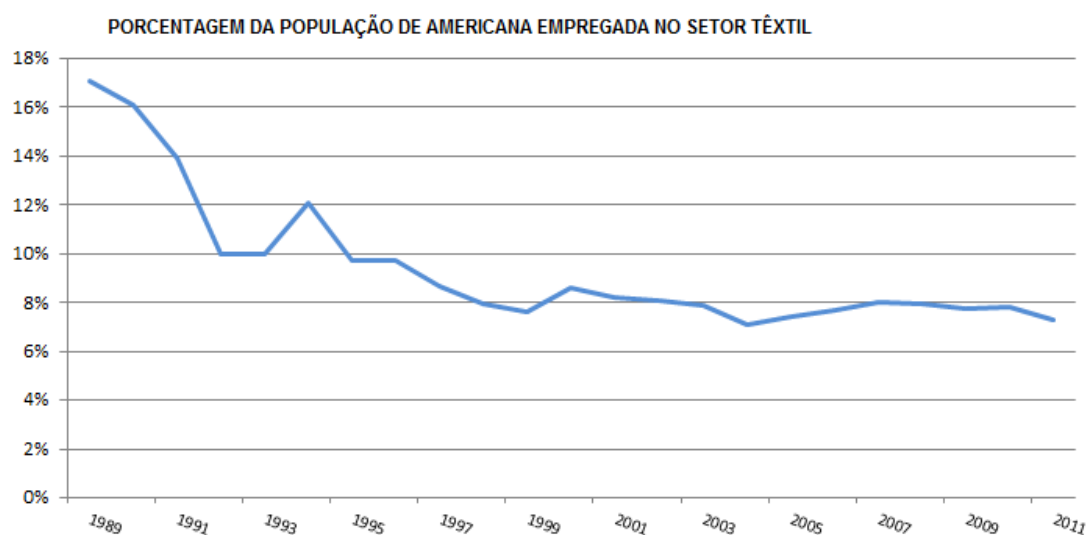
GRÁFICO 02



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego e Secretaria de Planejamento de Americana. Adaptado pelo autor.

Quando comparamos os empregos formais, com vínculo na indústria têxtil relativamente à população de Americana, temos o gráfico que produz um indicador relacionando a porcentagem de pessoas empregadas no setor têxtil e a população de Americana.

GRÁFICO 03



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego e Secretaria de Planejamento de Americana. Adaptado pelo autor.

A população empregada no setor têxtil que, correspondia a 17% (dezessete por cento) do total de habitantes da cidade de Americana veio caindo até atingir em 2012, 7% (sete por cento).

Apesar de registrar uma discreta recuperação entre anos de 2004, 2005 e em 2010, não se esperava, por parte da sociedade, grandes alterações.

4.4 As consequências econômicas sociais

Para conhecer os efeitos das perdas de oportunidades de trabalho na economia e sociedade local e, fazendo uma leitura qualitativa dos dados estatísticos descritos anteriormente, foram realizadas entrevistas com pessoas representativas dos diversos setores da sociedade civil, que presenciaram e relataram os fatos e ações durante o período analisado.

Para a escolha dos entrevistados, buscamos:

- O representante do Primeiro Setor (Governo) - Sr. Herb Carlini - Vice Prefeito da cidade de Americana no período de 1989 a 1992;
- Secretário Municipal da Educação da cidade de Americana – períodos de 1989 a 1992 e 1997 a 2008;
- Secretário Municipal de Educação da cidade de Santa Bárbara D'Oeste, no período de 2009 a 2012.

O Segundo Setor (Empresas) foi assim representado:

- Sr. Mário Zocca, proprietário por mais de 40 anos da Zocca Têxtil, Dirigente do Sindicato das Indústrias de Tecelagem de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D'Oeste e Sumaré – SINDITEC no período de 1989 a 2005 e ex-presidente da Associação Comercial e Industrial de Americana - ACIA.

Já o Terceiro Setor (Organizações sem fins lucrativos, como ONGs, Sindicatos, Associações, Grupos religiosos) foi constituído por:

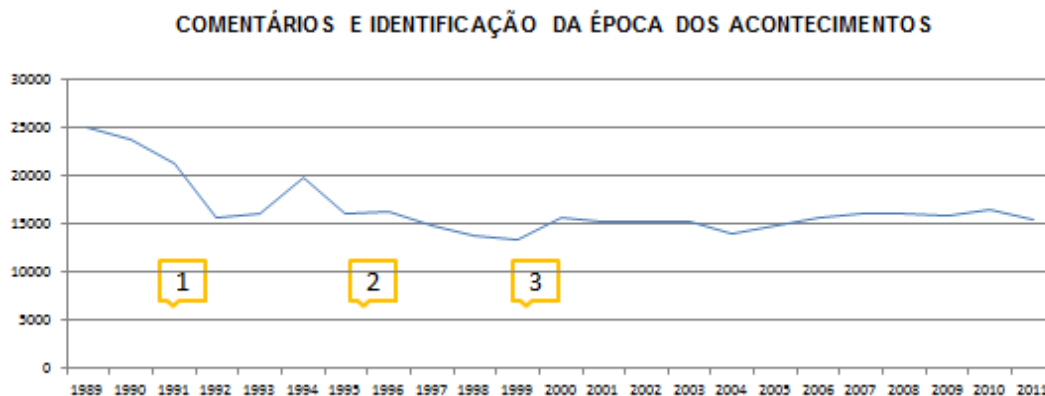
- Sr.^a Eunice Maria Pimenta Contrigiani, ex-tecelã, participante ativa dos movimentos sociais, sindicais e políticos e atualmente Assessora Parlamentar.

Outras duas entrevistas foram realizadas com cidadãos que, no período estudado, tiveram participação em diferentes ações e tiveram seus projetos de vida modificados, como:

- O professor Ricioti Coversi Filho⁶ ativo participante na criação da Faculdade de Tecnologia de Americana, curso de Produção Têxtil, anteriormente ao período estudado, mas realizador de atividades através do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE para requalificação na comunidade, durante o período em análise.
- Professor Dr.º João Batista Giordano, químico na Indústria Têxtil que, devido à queda nas oportunidades de emprego durante o período pesquisado, passou a se dedicar integralmente a carreira de professor universitário e pesquisador.

Podemos inicialmente pontuar e relacionar comentários dos entrevistados com indicações da época aproximada dos acontecimentos, conforme nos mostra o gráfico de n.º 04.

GRÁFICO 04 – Comentários e identificação da época dos acontecimentos



Fonte : Ministério do Trabalho e Emprego. Adaptado pelo autor e acrescido da pesquisa de campo.

⁶ Ricioti Coversi Filho: Foi em um almoço em sua residência que, um grupo de empresários, professores e políticos de Americana em 1983, decidiu procurar o então Governador Franco Montoro (1983/1987), para criação da Faculdade de Tecnologia Têxtil de Americana (Atualmente FATEC Americana). Foi então nomeado Secretário da Comissão Pró-Instalação.

1- Traçando um comparativo entre os anos de 1990 e 1991, nota-se que a queda dos postos de trabalho foi de 2.488 ou 10,5%. A mesma análise, realizada entre os anos de 1991 e 1992, um ano após o início do Governo Collor mostra mais do que o dobro dos números de empregos perdidos que foi de 5.626 ou 26,4%.

Neste sentido e referenciando o entrevistado Zocca:

Quando veio o Plano Collor, ninguém no primeiro momento se preocupou com nada, depois de um ano que veio a preocupação, daí escancarou a porta. Enquanto ele falava que os carros eram carroças, essas coisas, tudo bem, mas a hora que começou a vir o fio da China [...] (2013).

2- No ano de 1994 e, após o crescimento do número de pessoas contratadas, gerou-se 3766 novos empregos, acumulando uma ocupação de 19.792. Este fato poderia dar sinais de que estava diminuindo a intensidade da crise, uma vez que, em 1995 e 1996, os números médios do total empregado voltam ao patamar dos 16.000.

Contrigiani analisa com a sua experiência de trabalhadora do setor, as dificuldades com a qualidade da mão de obra e a oferta de emprego:

Em 1995 e 1996 era difícil arrumar emprego, tinha mão de obra, mas não tinha trabalho, diminuíram muito as fábricas. Eu aprendi a virar Tear Ribeiro mecânico. Quando chegou o automático, aí já foi mudando completamente (2013).

3 - Em 1999, a cidade de Americana atingiu o menor número de pessoas contratadas na indústria têxtil ao somar 13.481 empregos.

Coversi Filho (2013) relata as primeiras ações de capacitação e requalificação no ano seguinte:

Um dos programas de capacitação elaborados pelo Governo Federal foi a obra da parceria junto ao SEBRAE que, em nível nacional, promoveu o “Brasil Empreendedor”. Participei como Facilitador (Professor) no programa. Pelos números citados na ocasião, ano 2000, mais de um milhão e duzentos mil trabalhadores, empregados ou não, fizeram adesão. Era gratuito e a entidade que abrigava os grupos deveria proporcionar:

lanche, apoio físico e, as assistenciais, fornecerem passe de ônibus urbano pra deslocamento do cidadão, já que grande parte estava desempregada. Em Americana tivemos: Associação Comercial e Industrial de Americana - ACIA, A Legião da Boa Vontade - LBV, Faculdade de Tecnologia - FATEC, Serviço Nacional da Indústria - SENAI e algumas comunidades religiosas. Os recursos eram provenientes do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT via SEBRAE, que fazia a triagem e indicações locais das Instituições.

Demais consequências vivenciadas e relatadas pelos entrevistados, com efeito na vida das pessoas e das empresas, durante o período em análise, destacamos o relato de Zocca:

Professor, foi muito grave, teve gente que ficou doente, famílias inteiras nas ruas, não tinham onde se apegar, não tinha o que comer e os empresários não sabiam mais o que fazer. Não tinha como pagar o empregado, a justiça veio em cima e tirou o pouco que restava (2013).

Contrigiani (2013) acrescenta que acontecimentos atingiram a sua própria família, declarando que um dos seus irmãos, apesar de ter chegado ao cargo de contramestre, após 19 anos de trabalho em tecelagem, perdeu o emprego e não conseguiu mais se recolocar no setor. Contribuindo também para os efeitos nas pessoas próximas das suas relações, nos conta que um amigo ficou com a vida desestruturada, perdeu o emprego após dedicar-se por vários anos às atividades do setor têxtil, tornando-se dependente químico. Não conseguiu voltar ao mercado de trabalho e, hoje, felizmente, sem o vício, dedica-se a ministrar palestra aos jovens.

Quanto a projetos de vida que foram prejudicados ou modificados ela comenta que:

Teve gente que comprou meia dúzia de teares depois de trabalharem 20 anos em tecelagem e, com a indenização, montaram empresas, faliram, perderam casas, perderam tudo.

Além das perdas materiais, Zocca (2013) é enfático ao relatar efeitos dramáticos sobre a comunidade e sobre pessoas próximas a ele:

Foi um sofrimento, muitas pessoas ficaram doentes e não se recuperaram. Nós perdemos muitos amigos, causou muito problema, foram ficando doentes e faleceram.

Nos aspectos ligados à desagregação familiar e desequilíbrios pessoais Coveri Filho (2013), valendo-se da sua condição de morador da cidade há muito tempo, afirma que acompanhou vários casos. Também acrescenta que houve aumento da violência urbana no período analisado, pois a cidade no início da crise recebeu vários acampamentos de trabalhadores da construção civil.

Quando buscamos estudar as instituições que colaboraram nas últimas duas décadas para amenizar os efeitos sobre a sociedade provocados pela diminuição de empregados no setor têxtil, nossos entrevistados apontam:

- As organizações religiosas;
- Os Sindicatos;
- Os movimentos sociais, como os mais presentes, o que nos orientou a continuar a pesquisa, nas organizações citadas, acrescentando as Organizações não Governamentais - ONGs e as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIPS que surgiram na última década.

A continuidade da pesquisa buscou conhecer e relatar contribuições da Educação Não Formal como Tecnologia Social na solução das demandas sociais.

4.5 As iniciativas e contribuições da Educação Não Formal como Tecnologia Social

Na fase da pré-pesquisa, os entrevistados, além de colaborarem na contextualização do problema, também fizeram referências às iniciativas e ações tomadas no período em análise, por entidades da sociedade civil, que tiveram como objetivo enfrentar e oferecer soluções para as diversas consequências para o grupo em risco social.

Dentro desta perspectiva procuramos fazer contato e visitar as instituições ou organizações citadas, conhecendo suas ações para distingui-las e considerá-las como Tecnologias Sociais.

Uma das entrevistas⁷ chamou a nossa atenção para a ajuda que os grupos religiosos ligados à Igreja Católica deram ao oferecerem cursos voltados à cidadania e a organização sindical, surgindo então menções ao Padre Reginaldo (José Reginaldo Andrietta)⁸.

A filha da entrevistada, orgulhosamente exibiu um certificado recente de uma atividade denominada “Curso de Formação Política” realizado por um grupo religioso, que destacava os conceitos da *mais-valia* e a exploração do trabalhador.

O contato pessoal com o Padre, além de permitir confirmar a sua atuação, que ele próprio destacou como sendo junto aos movimentos sindicais, em especial dos metalúrgicos, por sua própria iniciativa me encaminhou ao Centro de Capacitação Profissional de Americana – CCPA, cuja entidade mantenedora é a paróquia São Judas Tadeu, onde ele é o responsável.

A Instituição iniciou suas atividades em 1998 e já formou mais de 12000 jovens nos diversos cursos profissionalizantes. Na visita às suas instalações, constatamos a oferta de cursos nas áreas de Administração de empresas, Desenho artístico, *Design* gráfico, Informática básica, Inglês básico, Mecânica (Usinagem, Montagem e manutenção de micro computadores, Pintura e Violão).

Os cursos destinados às crianças de 9 a 12 anos, chamados de “*Cursos Kids*” abordam a formação do cidadão , línguas e musica. Já os cursos destinados a jovens e adolescentes entre 12 e 17 anos, tem como objetivo a profissionalização e a sua maioria com duração anual sendo que o número de vagas ultrapassa a 700.

⁷ Entrevista de Eunice M.P.Contrigiani.

⁸ Padre Reginaldo Andrietta, facilitou a aproximação do autor com o Sindicato dos Trabalhadores do setor têxtil de Americana, através dos advogados trabalhistas dos trabalhadores do setor metalúrgico em Janeiro de 2014.

Certamente alguns dos jovens inscritos ou já formados são descendentes dos trabalhadores da indústria têxtil. Com a iniciativa do Centro de Capacitação Profissional de Americana - CCPA, eles puderam construir alternativas para seus projetos de vida.

Em outra entrevista⁹ surgiram referências ao Polo TecTex, entidade mantida pelas indústrias têxteis e de confecções. Seu administrador¹⁰ nos informou que desde 2002, foram oferecidos em média, 12 cursos, com duração anual e com turmas de 15 alunos, abordando os seguintes conteúdos:

- A dinâmica da comercialização moderna;
- Administração da produção;
- Assessoria da produção;
- Cálculo técnico;
- Padronização têxtil;
- Como criar um plano de carreira;
- Como criar um benefício sem aumento da carga tributária;
- Costura industrial (Operações básicas, tecido em malha, tecido plano);
- Economia e mercados;
- Empreendedorismo;
- Formação de mestre e contramestre;
- Gestão da qualidade total;
- Laboratorista têxtil;
- Lavanderia e acabamento;
- Liderança;
- Logística e *Supply chain management*;
- Manutenção e técnico de máquinas de costura;
- Modelagem (básico e avançado);
- Monitor de treinamento;
- Motivação;
- Os novos desafios da atualidade;
- Processos e planejamento estratégico;

9 Mario Zocca

10 Eduardo Lima

- Redes sociais;
- Tecnologia têxtil (básico e avançado);
- Vitrinismo.

Cursos que envolvem habilidades práticas, mas também questões comportamentais e atualidades que também são requisitos necessários ao trabalhador moderno.

O Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial - SENAI aparece, na mesma entrevista, em etapas distintas. Primeiramente quando trouxe especialistas de São Paulo para ministrar cursos rápidos de modelagem, desenho e costura, empresários do setor de tecelagem e seus familiares frequentaram os cursos, com o intuito de encontrar alternativas para suas indústrias e buscar melhorias.

Uma segunda etapa surgiu quando a escola SENAI de Americana, iniciou suas atividades em 1982, tendo como origem um Centro de Treinamento voltado para o setor têxtil e funcionava em convênio com a Feira da Indústria de Americana - FIDAM. Em 1994 atendia 700 alunos e em 2012 atingiu o número de 3000 atendimentos. Suas contribuições foram reconhecidas por vários dos entrevistados.

Quando da nossa visita às instalações atuais, foi fornecido um levantamento dos cursos realizados entre os anos de 1994 e 2012, destinados à comunidade e às empresas, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 03 – Cursos e o número de alunos inscritos

CURSOS PERÍODO DE 1994 A 2012	COMUNIDADE	EMPRESAS
Ajudante Manutenção Tecelagem Plana	43	
Assistente de Designer Textil	15	
Atadora de Urdume Manutenção Preventiva Corretiva e Regulagem	4	
Calculo Técnico Têxtil	443	7
Classificação de Tecidos Planos	0	107
Espuladeira (FC)	48	
Estamparia	0	7
Formação de Tecelão	8	
Introdução ao Beneficiamento	0	30
Manuseio de Produtos Auxiliares Têxteis	0	42
Mecânico de Manutenção em Teares (CEP)	34	
Mecânico de Manutenção em Teares Para Contramestres (FC)	21	
Operador de Máquina de Atar Urdume - Engrupadeira (FC)	120	
Operador de Urdideiras	16	
Operador de Urdideiras - Tecidos Planos	87	
Operador Polivalente de Tecelagem Plana	28	
Padronagem Básica	0	41
Padronagem Têxtil	642	64
Remetina (CFI)	169	
Revisor e Metrador de Tecidos (FC)	49	
Supervisão de 1ª Linha - Área Textil (CAP)	66	
Supervisor de 1ª Linha - Padronagem	40	
Supervisor de 1ª Linha - Tecnologia da Fiação	40	
Supervisor de 1ª Linha - Tecnologia da Tecelagem	60	
Supervisor de 1ª Linha - Tecnologia dos Tecidos não Tecidos	20	
Supervisor de 1ª Linha - Tecnologia em Malharia	40	
Supervisor de 1ª Linha - Textil - Beneficiamento	19	
Tecelagem - Cálculo Técnico (FC)	93	
Tecelagem - Teares de Pinça Flexíveis Sandin (FC)	43	
Tecelagem - Teares de Pinça Ribeiro - Iniciação (FC)	20	
Tecelagem - Teares de Pinça Ribeiro (FC)	73	
Tecelagem - Teares Howa (FC)	44	
Tecelagem - Teares Ribeiro (FC)	48	
Tecelão - Tear Comum (FC)	99	
Tecelão - Tear Comum e Automático (FC)	370	
Tecelão - Teares de Pinça (FC)	92	
Tecelão de Tecidos Planos	391	
Tecelão Teares de Pinça - Noções Básicas (FC)	8	
Tecnologia da Fiação	0	24
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Administração M	19	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Automação	16	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Custo	18	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Gestão Ambienta	19	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Logística Industria	19	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Sistema de Manu	18	
Tecnologia de Processos Industriais - TGPI - Têxtil Sistemas de Proc	18	
Tecnologia Processos Têxteis	71	
Tecnologia Têxtil Básico	284	53
Tecnologia Têxtil em Tecelagem	0	51
Tecnologia Têxtil para Comercialização de Produtos	20	
Torcedeira (FC)	111	
Urdideira (CFI)	75	
TOTAL	3981	426

Fonte: SENAI - Americana

Duas outras informações nos foram fornecidas pelos responsáveis pela unidade¹¹. Uma delas foi a de que empresas quando são obrigadas a reduzir

¹¹ Danilo Cesar Bueno da Silva - Diretor

ou encerrar suas operações, costumam patrocinar aos empregados demitidos cursos de requalificação no próprio setor, ou em outro que o funcionário escolha. Reforçando que as ameaças para os trabalhadores do setor não terminaram e sim ainda se fazem presentes. Outra informação, agora do ponto de vista das empresas, foi que os cursos mais procurados atualmente, são os de curta duração, diferentemente do que acontecia no passado, já que as primordialidades se modificam muito rapidamente com os avanços tecnológicos e as necessidades do mercado.

Ainda de acordo com o Sistema “S” (SENAI, SESI e SENAC), presentes na cidade de Americana, fomos conhecer as atividades do Serviço Social da Indústria - SESI, sendo que, a primeira visita, foi realizada na unidade do bairro Machadinho, onde desde 1990 é oferecida a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. No ano de 2000, teve início o Ensino Médio e a partir de 2007, a escola em tempo integral.

Seu responsável¹², em síntese, além da sua vocação educacional voltada a primeira escola, apresentou a instituição que se destina a formação complementar para a família do trabalhador.

Nesta ocasião, recebemos o convite para conhecer a Escola Modelo, localizada no bairro Nossa Senhora Auxiliadora, onde esperávamos encontrar somente atividades da Educação Formal. No entanto e, ao verificarmos o quadro de avisos, encontramos o oferecimento a partir de Dezembro de 2012 de um curso de Informática Básica, gratuito, no período noturno. A explicação dada foi a de que neste período existia disponibilidade de equipamentos e laboratórios, pois a escola funcionava apenas nos períodos matutino e vespertino, permitindo estender o uso à comunidade da infraestrutura e do corpo docente, oferecendo oportunidade para a Educação Não Formal atuar.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC foi inaugurado em Americana no ano de 2011. Podemos observar no quadro abaixo as subáreas e os alunos inscritos diretamente pela comunidade por meio do atendimento corporativo no período entre 2011 e 2012.

¹² Marcelo Virgílio – Diretor / Adão Evaldo de Moura Souza – Agente de treinamento

Quadro 04 – Subáreas e números de inscritos no SENAC

CURSOS - COMUNIDADE E CORPORATIVO - 2011 A 2013 SUBÁREAS	INSCRITOS
Administração geral e Gestão de pessoas	2001
Alimentação coletiva	405
Aplicativos	598
Arquitetura e Urbanismo	302
Beleza	221
Cinema, Video, Rádio, Tv e Teatro	23
Computação gráfica	564
Comunicação social	183
Cozinha	61
Educação	365
Enfermagem	181
Estética	243
Eventos	226
Farmácia	26
Finanças e contabilidade	1115
Gestão de serviços e saúde	44
Gestão em Tec. da informação e desenvolvimento de sistemas	110
Hotelaria	14
Imagem e fotografia	293
Inglês	9
Logística e comercio exterior	644
Marketing e vendas	772
Massoterapia	310
Meio ambiente	22
Moda	626
Podologia	171
Redes e infraestrutura	232
Sala, Bar e Restaurante	176
Segurança e saúde no trabalho	215
Tecnologias sociais e desenvolvimento humano	377
Trabalho e renda	177
TOTAL	10706

Fonte: SENAC – Americana

Na linha da nossa pesquisa, nota-se que para a subárea denominada Tecnologias Sociais e Desenvolvimento Humano, são oferecidos, na unidade de Americana, os seguintes cursos:

- Programa aprendizagem - destinados a jovens e adolescentes entre 14 e 24 anos contratados e encaminhados pela empresa e que necessitam de formação inicial para o trabalho;
- Auxiliar de escritório - para jovens que buscam desenvolvimento profissional;

▪ Programa Educação para o trabalho - Trampolim, destinado a pessoas com deficiência intelectual ou em situação vulnerável.¹³

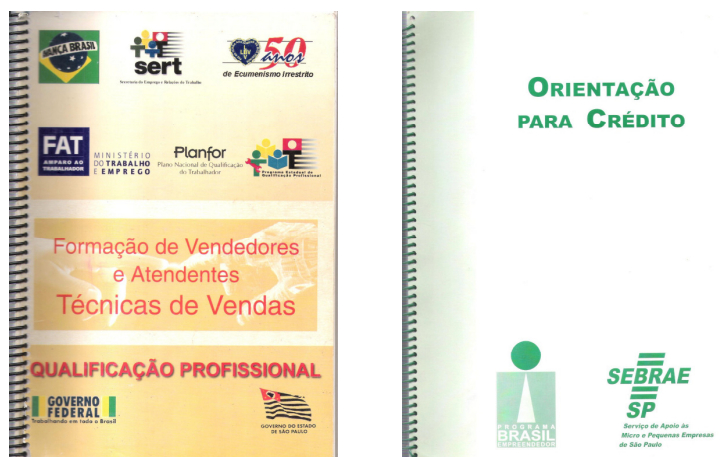
Importante salientar que, o curso Trampolim é um exemplo de Educação Não Formal como Tecnologia Social. Atende a uma demanda gerada por um grupo em risco social, sendo que o resultado gera alternativas e incentiva a autonomia.

No ano de 2000 foram obtidas informações e evidências que nos oferecem informações das iniciativas da Associação Comercial de Americana, apoiada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT e patrocinada pela Legião da Boa Vontade - LBV, momento em que foi oferecido um curso com o título “Formação de vendedores e atendentes – Técnicas de vendas”. Este curso foi gratuito e os inscritos receberam alimentação e assistência para o transporte.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, também se fez presente nesta mesma época, dentro do Programa Brasil Empreendedor oferecendo um curso, também gratuito, chamado de “Orientação ao Crédito”.

As figuras 1 e 2, demonstradas a seguir, referem-se às capas das apostilas distribuídas em 2000 para os cursos de “Formação de vendedores e atendentes”, “Técnicas de vendas” e “Orientação ao crédito”.

¹³ De acordo com Janczura (2012, p. 306), Risco Social, é a exposição imediata de um grupo de pessoas a um perigo, como também a possibilidade de, num futuro próximo, ocorrer uma perda da qualidade de vida. Em um processo associado, somente depois da existência de um risco, é que se pode considerar que o grupo atingido, está em condições de vulnerabilidade social.



Fonte: Acervo pessoal do Profº Ricioti Coversi Filho

Nos últimos anos a Feira Industrial de Americana - FIDAM, em sua incubadora de empresas, em parceria com a Rede Paulista de Inovação - RPI abriga uma cooperativa de costureiras procurando estimular o empreendedorismo para a geração de oferta de mão de obra e serviços para as indústrias de confecções.

Outra iniciativa, realizada pelo ambiente da Educação Não Formal, são os cursos abertos à comunidade desde o mês de janeiro do ano de 2012 pelo Centro da Universidade do Conhecimento de Americana - CUCA, projeto da Administração Pública Municipal, destinada aos moradores da cidade de Americana com mais de 16 anos de idade. As áreas de interesse são: Costura industrial, Modelagem de roupas, Técnicas de bordar, Costura de bolsas e Informática.

Cabe destacar que nenhuma iniciativa ou ação característica de Educação Não Formal foi informada pelo Sindicato dos Trabalhadores durante o período em análise. Encontramos ações políticas em conjunto com outros representantes da sociedade civil, em especial junto aos Governos nas várias instâncias, mas o meio educativo como forma de trazer soluções ainda não esteve presente.

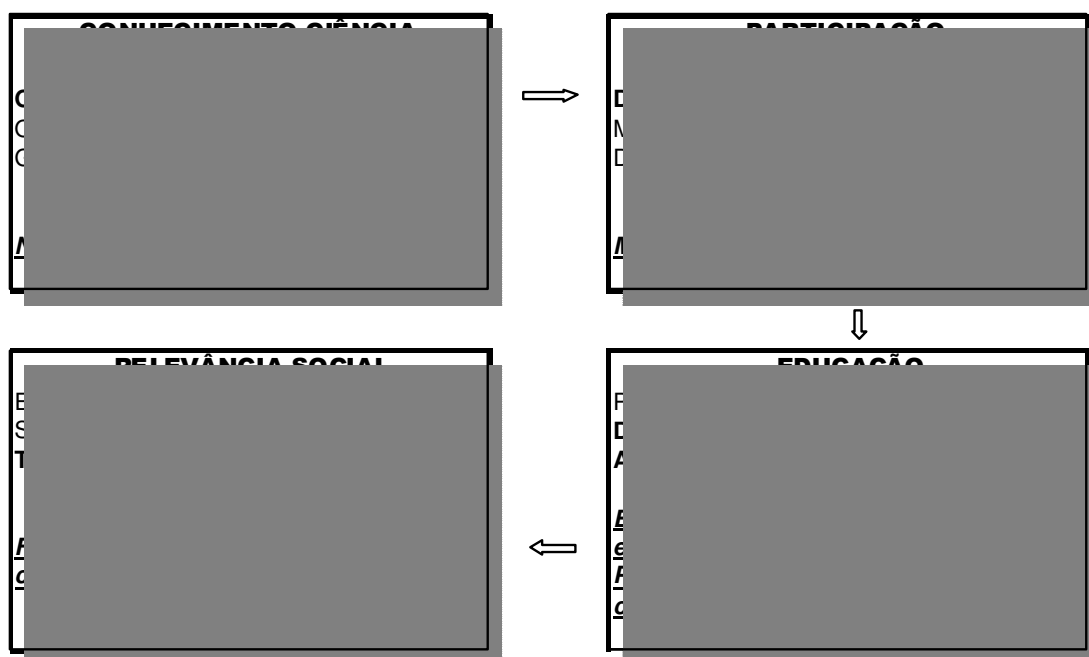
4.5.1 Exemplo da Educação Não Formal como Tecnologia Social

Para melhor entendimento da Educação Não Formal como Tecnologia Social produzindo soluções às demandas sociais geradas pelos trabalhadores

de Americana, em consequência da perda dos empregos a partir da década de 1990, vamos relacionar a metodologia do ITS para classificar uma Tecnologia Social, com um dos trechos de uma das nossas entrevistas .

Mas a USP São Paulo, Unicamp, Faculdade de São Carlos, todos vieram aqui dar curso, mas sabe para quem? Para os empregados ⁽²⁾, formamos mais de 400 novos empregados com outra cabeça ⁽⁴⁾ com propostas de procurar novos campos, modernizarem ⁽¹⁾, etc. Eles também mandavam seus técnicos, Engenheiros e Professores para ver como as coisas funcionavam, como é que trabalhávamos ⁽³⁾ (MÁRIO ZOCCA).

A representação a seguir demonstra as quatro dimensões da Tecnologia Social e sua dinâmica de funcionamento.



⁽¹⁾ As demandas sociais consideradas neste trabalho foram o desenvolvimento de competências, geração e ampliação de oportunidades na vida e a busca pela autonomia, tidas nas palavras do entrevistado como: Novos campos, modernizarem.

⁽²⁾ As Tecnologias Sociais devem envolver a sociedade civil e partilhar com a população o poder de decidir as demandas sociais mais importantes. Assim sendo, destinam-se aos trabalhadores em situação de risco de desemprego .

⁽³⁾ As Tecnologias Sociais possuem um sentido pedagógico que gera diversos aprendizados para a população a que pretende atender, valorizam os conhecimentos populares sem enfatizar o distanciamento ou rompimento com o saber técnico. Muitas vezes desenvolvem parcerias entre instituições de ensino, bem como o intercâmbio entre técnicos, engenheiros e professores das Universidades com os trabalhadores de Americana, propiciando a troca dos saberes técnico e popular e a apropriação por parte dos envolvidos do conhecimento.

⁽⁴⁾ A relevância social leva em conta os resultados. Dentre eles a autonomia no sentido de viver pela própria capacidade, enfrentar os desafios de novas situações independentemente do resultado quantitativo de 400 empregados. O mais significativo está descrito na simplicidade da frase: Com nova cabeça, portanto, provocou mudanças na comunidade.

A Educação Não Formal, neste caso , proporcionou o desenvolvimento de Tecnologia Social, mas ocorreu fora dos muros das escolas formais, não houve intervenção direta ou controle dos órgãos governamentais, nasceu na vontade e atitude dos empresários, em associações da sociedade civil, que perceberam que as ameaças eram e continuam sendo muito fortes. Desta forma, foram em busca do conhecimento e criaram condições facilitadoras como a organização, o uso de espaços, propaganda e disseminação.

Podemos encontrar referências que reforçam algumas características da Educação Não Formal no exemplo desenvolvido, tal como, o seu conteúdo centrado em tarefas e habilidades. A aplicação prática em situações reais é orientada para o tempo presente e ocorre em todos os locais, inclusive nos espaços de trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa foi conhecer as iniciativas de Educação Não Formal como Tecnologia Social na solução de demandas sociais com origem no grupo de trabalhadores do setor têxtil de Americana, atingidos pela severa redução dos níveis de emprego, a partir do início da década de 1990.

A coleta de dados através de pesquisas quantitativas e qualitativas, de forma complementar e não concorrente permitiu confirmar o acelerado processo de desemprego, tendo como base os dados oficiais do governo. A triangulação com as informações obtidas nas entrevistas com pessoas representativas nos três setores da sociedade civil, além de consolidar a dimensão da redução dos postos de trabalho, acrescentaram por meio de suas opiniões e relato dos fatos ocorridos no período, às repercussões na sociedade local.

Como efeitos sentidos nas vidas dos moradores, os entrevistados descrevem várias situações, entretanto, uma que podemos destacar, é que nos momentos mais críticos a falta de recursos dos empregadores, que não puderam honrar seus compromissos trabalhistas atingiu por consequência os trabalhadores que, pelo seu lado passaram a ter dificuldades de diversas ordens para o sustento de suas famílias.

Concordando com Freire (2011), o qual resume com muita propriedade que: Uma fábrica de tecidos que não consegue concorrer com as empresas asiáticas, os efeitos não ficam apenas no colapso econômico-financeiro do seu proprietário, mas atinge também as famílias dos trabalhadores e trabalhadoras que ficam fora dos processos produtivos.

Fatos como um número maior de pessoas que desenvolveram doenças, outros que no desespero de buscar alternativas empenhavam suas economias e comprometeram seus patrimônios, investindo em atividades empresariais próprias, infelizmente está ligado a um setor que se encontra em constante ameaça nas últimas décadas.

Desta forma, dois dos objetivos específicos da pesquisa, que foram o de conhecer a evolução dos níveis de emprego e as repercussões na sociedade foram atingidos.

A Educação Não Formal envolve não apenas diferentes programas, mas também desempenha funções que dizem respeito ao melhor entendimento dos acontecimentos, direitos e obrigações, qualificar e requalificar, estimular o empreendedorismo como forma de auto-sustento, entre outras. E o terceiro dos objetivos foi o de identificar e conhecer as iniciativas e as suas aplicações práticas, o que nos colocou a campo para entrar em contato e visitar os agentes, relacionando-os com suas atividades.

Nossa expectativa inicial era de encontrar iniciativas de Educação Não Formal nos setores da sociedade civil integrados, pois eles já tinham demonstrado organização e união nas ações políticas no início da crise, porém a medida que fomos investigando e visitando as instituições, notamos que as principais atividades de forma direta partiram dos setores da indústria e comércio. Portanto, dos empresários e empregadores, como exemplo a criação do Polo TecTex, o uso da FIDAM, os convênios com importantes universidades paulistas e até mesmo nos cursos com especialistas em modelagem, trazidos pelo SENAI, mesmo sem que ainda estivesse instalado na cidade, com o objetivo de mostrar alternativas, pois a vocação na época da indústria local era a tecelagem. De forma indireta, novamente vemos o setor empresarial mais atuante, pois o sistema “S”, que é mantido por recursos originados no setor produtivo, passou a se instalar na cidade e oferecer diversas opções de atendimento educativo à comunidade e ao setor corporativo.

A Igreja Católica, em Americana, através das ações do CCPA, se faz presente na Educação Não Formal, em especial na última década, oferecendo oportunidades que certamente proporcionaram e continuarão a proporcionar alternativas dentro e fora do setor têxtil para filhos e netos dos trabalhadores expostos pela crise no setor, como também para os demais jovens da comunidade local.

Abaixo de nossas expectativas iniciais ficaram as iniciativas do setor representativo dos trabalhadores, com nenhuma ação a ser relatada e também o poder público municipal que somente recentemente movimentou-se no sentido de oferecer Educação Não Formal, através do CUCA..

Nossa preocupação em ouvir de forma equilibrada os vários setores envolvidos e alguns moradores de muito tempo da cidade, garantiu a isenção

necessária para a pesquisa, pois diversos pontos de vista sobre a mesma situação permitem minimizar os erros de interpretação. Se por um lado contribuiu, por outro lado a princípio nos trouxe preocupação pela dificuldade de encontrar pessoas representativas que tivessem vivido um período de mais de vinte anos em contato com setor estudado, mas principalmente que estivessem dispostos a falar sobre um assunto, que para a maioria deles, trazia recordações desagradáveis. Mas as preocupações não se confirmaram, pois todos colaboraram de forma intensa e verdadeira.

A sugestão para continuidade da pesquisa vem de um dos entrevistados ao afirmar que: *“O que o Senhor está fazendo Professor é muito importante para que a gente comece a olhar daqui para frente, de forma diferente as coisas”*. Neste caso, reconhecendo que as ameaças não terminaram e que para enfrentá-las outras formas precisam ser conhecidas.

Talvez as iniciativas tomadas até agora de forma não integradas deva-se a falta de conhecimento dos conceitos e características da Educação Não Formal como a sua aplicação prática em situações reais, a orientação para o tempo presente e podendo ser oferecida em todos os lugares, inclusive nos locais de trabalho.

Para o pesquisador, o trabalho agregou novas formas de ver e interpretar crises econômicas setoriais, não mais limitadas somente nas causas e efeitos empresariais, mas agora também no impacto na vida e nos projetos de vida das pessoas e nas comunidades onde o problema acontece.

Nossa pretensão não foi de encontrar iniciativas que resolvessem o problema de uma forma geral, mas sim que disponibilizassem alternativas para minimizar os efeitos nas famílias e na comunidade, como a queda na qualidade e nas perspectivas futuras da vida.

Podemos afirmar que encontramos iniciativas de Educação Não Formal em Americana que podem ser classificadas como Tecnologias Sociais, nascidas de demandas sociais do grupo estudado, com a sua participação, permitindo que aproveitassem do aprendizado e com relevância social ao atender a necessidade inicial.

REFERÊNCIAS

BRAGA JR, Edi e HEMAIS, Carlos A. – **Cenário do setor têxtil durante a década de 1990**. Revista Têxtil – n.º 3: 2000.

BRASIL. Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDBEN -. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, v134, n.º 248, 23 de dezembro de 1996, seção 1, páginas 27834-27841.

CAVALCANTE, Willians, R.L. - **Análise do ensinar e aprender por meio do uso de computadores, enfatizando os aspectos teóricos e práticos na casa da criança feliz de Hortolândia**. Dissertação de Mestrado. Americana: Unisal, 2012.

CHAVES, Eduardo P. **Novas formas de ensinar e aprender**. Disponível em <http://liberalspace.net/2013/03/08/novas-formas-de-ensinar-e-aprender/> Blog de propriedade de Eduardo e Paloma Chaves: Acessado em 12/05/2013.

CHAVES, Eduardo P. - **O desafio das competências**. Disponível em <http://liberalspace.net/2013/09/05/o-desafio-das-competencias/>. Acesso em 09/10/2013.

DAGNINO, Renato, BRANDÃO, Flávio C., NOVAES, Henrique T. – **Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social**. Rio de Janeiro, Fundação Banco do Brasil, 2004.

DIAS, Marcos de Carvalho. **Inovação tecnológica e relações interfirmas no “cluster” têxtil de Americana**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, Instituto de Geociências: 1999.

ESTEVES, Patrícia E.C.C. e MONTEMOR, Hilda, A.S – **Uma proposta de educação não formal: o espaço da criança Anália Franco**. Marília: Educação em revista, v.12, Jul. Dez, p. 109-104, 2011.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – **Sistemas de produção – Algodão, 2003** – Disponível em www.sistemasdeproducao.embrapa.br/fontesHTML/algodao/cerrado. Acesso em 20/12/2013.

FERNANDES, Renata S. e AROEIRA, Valéria. **Educação não formal: campo de/em formação**. RPD – Revista Profissão Docente, v.5, nº 13, p.14-28, jan.-set. Uberaba: 2006.

FERNANDES, Renata S. PARK, Margareth, B. SIMSON, Olga R.M. – **Educação não formal; Um conceito em movimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

FERNANDES, Rosa M.C. e MACIEL, Ana L.S. – **Subsídio ao debate acerca das tecnologias sociais na 4ª Conferência Nacional da Ciência, Tecnologia e Inovação** – Anais do fórum RTS no RS – Porto Alegre: Fundação Irmão João Otão, 2010.

FLICK, Uwe – **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GOHN, Maria G. – **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 4ª edição, São Paulo, Cortez, 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Edições Loyola. São Paulo, 1993.

ITS – Instituto de Tecnologia Social. **Caderno de debates-tecnologia social no Brasil**. São Paulo, 2004.

ITS – Instituto de Tecnologia Social. **Tecnologia social: experiências inovadoras em extensão universitária** – São Paulo, 2012.

JANCZURA, Rosane. **Risco ou vulnerabilidade social**. Textos & Contextos. Porto Alegre, v II, n.º 2, Agosto 2012.

KELLER, Paulo Fernandes. **Globalização e novas estratégias empresariais na cadeia têxtil brasileira: uma discussão sobre a via alta para uma inserção competitiva**. Revista do mestrado em Administração e Desenvolvimento da Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, ano 5, Volume 8, nº 9, Jan/Jun: 2005.

MARCHINI, Daniela M.F. **Práticas e iniciativas na gestão da cadeia de suprimentos do Polo têxtil de Americana**. Dissertação de mestrado, UNIMEP, Santa Bárbara D'Oeste, 2006.

PASTORE Antônio C. **A reforma e a política monetária**. Revista Brasil Econômico. Rio de Janeiro: 1991.

PERRENOUD, Philippe. **Construindo competências**. Nova escola, p. 19-31 Setembro: 2000. http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/ph_p_main/php_2000. Acesso em 22/06/2013.

PERRENOUD, Philippe et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação de professores e o desafio da avaliação**. São Paulo, Editora Artmed: 2002.

PORTER, M.E. – **Clusters and the new economics of competition** -.Boston: Harvard Business Review, 1998.

PRÍNCIPE, M. L. e DIAMANTE, Juliana – **Desmitificando a educação não formal** – Revista Acadêmica Sumaré, 2º Semestre de 2011.

RODRIGUES, I e BARBIERI J.C. – **A emergência da tecnologia social: revisando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável.** Revista da Administração Pública. Rio de Janeiro, 2008.

SOFFNER, Renato K. **Estratégias, conhecimento e competências.** Piracicaba, Editora Degaspari: 2007.

TEIXEIRA, Francisco . **A história da indústria têxtil paulista.** São Paulo: Artemeios, 2007.

TOZONI-REIS, Marília, F.C. – **Metodologia da pesquisa científica.** Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2007.

TRILHA, J. e GHANEM ,E. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2008.

APÊNDICE A

ANO	NUMERO DE POSTOS DE TRABALHO				POPULAÇÃO	
	BRASIL	ESTADO DE SÃO PAULO	POLO TÊXTIL	CIDADE DE AMERICANA	TOTAL AMERICANA	EMPREGADA (%)
1989	916112	414241	40297	25132	147250	17%
1990	831414	371304	37120	23768	150249	16%
1991	746296	328483	34190	21280	153273	14%
1992	670702	296076	27624	15654	156758	10%
1993	715111	307065	28681	16026	160200	10%
1994	762314	318909	35995	19792	163598	12%
1995	688251	279514	27620	16172	166926	10%
1996	662425	258084	27001	16312	167911	10%
1997	620539	224074	25024	14798	171035	9%
1998	605300	204562	23275	13874	174439	8%
1999	641519	211827	23785	13486	177409	8%
2000	702094	229163	26077	15705	182593	9%
2001	704751	222180	26287	15315	186137	8%
2002	732559	227572	27130	15330	189749	8%
2003	729697	228325	27141	15196	193432	8%
2004	796482	249545	27594	13943	197186	7%
2005	833365	260333	29095	14948	200607	7%
2006	874488	274872	30677	15665	203845	8%
2007	929387	286362	31799	16004	199094	8%
2008	955408	290593	31986	16102	203283	8%
2009	966764	289821	32010	15878	205229	8%
2010	1036949	306058	33795	16509	210638	8%
2011	1024960	301686	32355	15552	212791	7%
2012	1011714	293003	30785	14595	214.873	7%

Fonte :
 Colunas 1 a 4 - Base de dados oficiais do Ministério do Trabalho e Emprego
 Coluna 6 - Secretaria Municipal de Planejamento de Americana - Divisão de estatística
 Coluna 7 - Cálculo do numero de empregos pela população total de Americana em %.

APÊNDICE B – Depoimento José Luciano Domiciano da Silva.

Assessor de imprensa do Sindicato dos Trabalhadores Têxtil de Americana

Local: Sede do Sindicato

Dia 18.02.2014 – 9h / 10 h

Assessor de imprensa do Sindicato no período de 1989 - 2000

Vice Prefeito de Nova Odessa – 2006 - 2012

Assessor de imprensa do Sindicato - 2013

No âmbito da Educação Não Formal, não foram identificadas ações concretas para minimizar ou criar alternativas para os trabalhadores que perderam os postos de trabalho a partir do plano Collor por parte do sindicato dos trabalhadores têxtil.

Entre 1994 e 1995, a Associação Comercial, Sindicatos de indústrias e trabalhadores, Prefeitura Municipal de Americana, Câmara Municipal, juntaram-se para a realização de plano estratégico denominado “Americana 2000”, porém nada de efetivo foi realizado.

O SENAC e SENAI foram as instituições que mais colaboraram na criação de alternativas, qualificação e requalificação dos trabalhadores nos últimos anos.

APÊNDICE C – Entrevista Eunice Maria Pimenta Contrigiani.

Local: Instalações da Fatec Americana

Dia 11.06.2013 – 10h30 / 11h20

Ex-Tecelã

Participante de movimentos sociais na região de Americana

Assessora Parlamentar

MLSB: Bom dia! Muito obrigado pela sua atenção. Vamos começar. Por favor, me conta um pouco da sua vida no setor têxtil, você foi tecelã?

EMPC: Eu fui. Entrei limpando canudos, quase todo mundo que chegava do interior era a primeira função em uma tecelagem: limpar canudos. Com 4 meses eu aprendi a virar espuladeiras, me subiram de cargo, nossa (!) era muito legal arrumar outra profissão. Aí trabalhei em fiação, aprendi funicaleira, trabalhei em uma fábrica de linhas, mas o grande sonho sempre foi de ser tecelã. Era a profissão mais alta que a gente podia almejar. Comecei trabalhar em 1978 em tecelagem e depois de 10 anos comecei a virar tear.

MLSB: Você ficou até quando no setor têxtil?

EMPC: 1992

MLSB: Então você pegou a época e os problemas do Plano Collor. **E** como foi a sua virada para movimentos sociais?

EMPC: Desde os 13 anos, algum tempo quando cheguei porque na verdade eu trabalhei de doméstica, de babá e meus amigos tiravam sarro de mim e me intrigava muito, aí o Padre falou para eu não ligar, porque era bobagem, eu estava ajudando minha família e ganhando dinheiro com dignidade. Aí eu não me preocupei mais, comecei a lutar por isso, começamos a discutir a Pastoral Operária na época. Aí em 1979/80 começamos a discutir a Teologia da Libertação e, então, tinha curso de formação política na igreja, eu comecei a coordenar o Grupo de Jovens. A Igreja ajudou bastante, nós íamos para Campinas que era mais avançada, tinha o Durval de Carvalho e várias pessoas que vinham para Americana dar curso de formação para nós, eram seminaristas e tinha a JOC (Juventude Católica).

MLSB: Dar curso do quê?

EMPC: De cidadania, tudo sobre organização das oposições sindicais. O pessoal era metalúrgico, participava das discussões da categoria e nós discutíamos melhorias para a categoria dos têxteis. Quando eu entrei na categoria, tinha em média 28.000. Não, tinha 32.000, quando saí é que tinha menos de 28.000. Nós discutíamos melhorias nas fábricas, porque era muito difícil, tinha dias que eu trabalhava 16 horas e a Igreja ajudou muito, porque tinha violência assim de desrespeito. Eles gritavam com a gente, por qualquer coisa mandavam embora, tinha muita mão de obra. Em 1987 eu comecei a me dificultar para arrumar emprego, fiquei marcada na tecelagem porque já tinha disputado duas eleições para o sindicato, só arrumava emprego em fábricas muito pequenas, na verdade começou a dificultar para todos. Um irmão meu chegou à contra mestre e não passou disso. Com 19 anos de tecelagem perdeu o emprego e não conseguiu arrumar mais emprego. Já em 1995/96 era difícil arrumar emprego, tinha mão de obra, mas não tinha trabalho, diminuiu muito as fábricas. Eu aprendi a virar Tear Ribeiro mecânico, quando chegou o automático aí já foi mudando completamente.

MLSB: E hoje você faz o quê?

EMPC: Presto assessoria á um Deputado. Sou da Direção do MST e da Coordenação do Amor exigente.

MLSB: Você acha que esses ambientes ainda existem para redirecionar e ajudar o grupo de trabalhadores que ainda dependem do setor têxtil?

EMPC: Com certeza e o amor ao próximo que é fundamental para qualificar. Existem várias ONGs que conseguem montar um acolhimento.

MLSB: As ONGs, surgiram mais ou menos há 5 ou 10 anos atrás. E antes, as Igrejas ajudaram muito a criar os ambientes para vocês?

EMPC: Para você ter uma ideia, nós tínhamos um grupo do movimento sindical e da Igreja, éramos os mesmos. Eu morava na Vila Bertini. Saíamos a pé para vir panfletar a Nardini. Eu saía de casa às 2 da manhã para estar na fábrica às 4h30, fazíamos tudo junto, éramos muito solidários. A Igreja ajudava, o Padre falava: Não desanimem, vocês têm que lutar. Isto em 1982/84, quando

ganhamos com a oposição o Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, a gente era junto, tudo junto.

MLSB: A senhora conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool? Tiveram dificuldades de encontrar outra atividade que pudesse sustentá-los?

EMPC: Nossa (!). Demais, demais. Em 1981 já começou a entrar em crise. Em 1976 passava carro nas ruas pegando gente para trabalhar, mesmo sem experiência, era muito fácil. Quase todos da minha época tiveram problemas auditivos por causa do ruído, não tinha aparelhinho, outros tiveram problemas de pulmão por causa do pó. Teve gente que comprou meia dúzia de teares, depois de trabalhar 20 anos na tecelagem e com a indenização montou empresa, faliram, perderam casa, perderam tudo. Eles ajudavam a gente, duas ou três empresas, esquentando carteira para nossa candidatura nas eleições sindicais, porque estávamos sem emprego. Tenho um amigo comum ex-dependente químico, começou após a demissão, agora está limpo. Por mais de 20 anos ele nunca mais se recolocou. Hoje dá palestras para jovens.

MLSB: Você tem uma filha (Ariele, que está acompanhando a mãe, aluna do VI semestre de Gestão Empresarial da FATEC), que vive com o celular. Você acha que com esta tecnologia a gente poderia ajudar a proteger o grupo remanescente dos trabalhadores e talvez evitar o que a sua geração passou?

EMPC: Nós conseguimos organizar um protesto no aumento de salários dos Vereadores. A juventude, rapidamente com as redes sociais, se organizou. Foi uma mobilização incrível. Eu não sei usar, sou "*lerdinha*", no meu tempo era de casa em casa, no boca a boca.

(Ariele pede para participar) - Tenho comigo um certificado que a gente e o Padre Reginaldo promoveu de um curso de Formação Política, com o pessoal do 13 de Maio sobre mais valia, sobre tudo que eles forçam a gente, exploram o trabalhador e a maioria era de jovens, tinha um ou outro do setor metalúrgico, ligados à Igreja, ao Movimento da Pastoral da Juventude e ligados a partidos políticos.

EMPC: O mais incrível é que o pessoal do 13 de Maio, que é um grupo de Formação Política, com sede no Bairro da Barra Funda em São Paulo, tinha gente que deu para a primeira turma, que eu estava. Foi o primeiro curso que minha filha fez e a gente se comunica através da Igreja. Temos outros grupos como a Pastoral da Terra, Grito dos Excluídos.

MLSB: O que a senhora acha, olhando hoje, que a gente poderia fazer para deixar o grupo restante dos trabalhadores mais fortes, mais empoderados, protegidos? Eu acho que a capacitação profissional sempre cabe nos momentos de crise, mas e do ponto de vista comportamental?

EMPC: Hoje eu acho muito mais difícil. Na minha época, o sonho era romper o sistema, lutar contra a ditadura, hoje é trabalhado pelos meios de comunicação a individualidade, para pedir pizza, lanches, qualquer coisa é feita por telefone. As pessoas não conversam mais, até mesmo dentro das casas. Os meios de comunicação trabalham muito a individualidade. Por exemplo, meu marido agora faz compra pela *internet*, não conversa mais com ninguém, eu adoro conversar com a vendedora, saber se ela gosta de trabalhar no comércio, é horrível demais, precisamos trabalhar a *internet* para evitar que as pessoas se afastem.

MLSB: Quem pode ajudar a criar essa rede de comunicação?

EMPC: É um trabalho de formiguinha. Fazendo Curso de Formação Política, acho a formação fundamental, para que a pessoa olhe para si fale: Eu tenho que ser bem atendida no posto médico. Eu tenho que ser bem atendida na escola e ser mais solidário, porque é um absurdo as pessoas se desrespeitarem por bobagem. A gente vê nos estacionamentos, nas ruas; é uma violência sem motivos.

Se o Professor quiser conhecer uma tecelagem que ainda sobrevive fazendo guarda chuvas, eu te levo.

MLSB: Eu queria conhecer esses ambientes que eu chamo de Sujeitos Sociais, que podem melhorar a vida das pessoas, usando as tecnologias disponíveis. Você poderia me ajudar nos contatos? A ideia é sempre conhecer as consequências sociais até porque ainda tem um grupo de pessoas expostos a riscos sociais e trabalhistas.

EMPC: Hoje nós estamos organizando a Romaria da Terra, que este ano vai ser em Americana. Eu vou falar com eles e você pode ter certeza, é só ver o que aconteceu com os direitos do trabalhador doméstico, uma prova que os riscos sempre existem. É um trabalhador comum, que já devia ter todos os direitos e agora ficam discutindo a redução dos direitos e falam como se uma pessoa da classe média não pudesse lavar um prato ou arrumar uma cama de vez em quando.

MLSB: Eunice, muito obrigado por vir até aqui. Foi um prazer viajar no tempo com a sua experiência de vida, você ajudou muito.

APÊNDICE D – Entrevista Herb Carlini.

Dia: 04.06.2013 – 16h - 18h

Local: Welcome Center – Americana

Professor de História no Ensino Médio;

Vice-prefeito da cidade de Americana no período de 1989 a 1992, na gestão do Prefeito Waldemar Tebaldi.

Acumulou o cargo de Secretário Municipal de Educação no ano de 1989 a 1992.

Secretário de Educação de Americana de 1997 a 2008, nas gestões dos Prefeitos Waldemar Tebaldi e Erich Hetzel Junior.

Acumulou o cargo de Secretário da Cultura no mesmo período.

Secretário da Educação de Santa Bárbara do Oeste de 2009 a 2012

MLSB: Quais as conseqüências para a administração pública, em especial no setor da educação e a perda dos postos de trabalho na indústria têxtil após o Plano Collor?

HC: Primeiramente a Secretaria Municipal da Educação tinha como foco o Ensino Infantil e Fundamental. O ensino profissionalizante não era o principal objetivo. O projeto pedagógico do Prefeito Waldemar Tebaldi era o da implantação da escola em Tempo Integral, seguindo a linha do seu partido (PDT), cuja bandeira da educação em tempo integral sempre foi defendida por Leonel Brizola, que era orientado neste sentido por Darci Ribeiro, o qual já havia implantado nas escolas do Rio de Janeiro desde o ano de 1983 (ou 1985). As escolas públicas Infantil e Fundamental eram um projeto político pedagógico e a adaptação ao modelo do Rio de Janeiro se tornou marca do governo Tebaldi.

MLSB: Que setores da sociedade ajudaram o poder público a amenizar os efeitos na área da Educação?

HC: O prefeito não era um entusiasta de parcerias para a educação. Ele entendia que era obrigação do município oferecer escola, saúde e habitação. Foi nas gestões dele que foi construída a maior parte das casas populares,

também foram implantados programas como o dos lotes urbanizados e mutirões com apoio da Prefeitura. As suas ideias no setor de educação eram avançadas. A Escola em Tempo Integral é hoje, meta do Plano Nacional de Ensino - PNE.

Eu cheguei a conhecer a “Fábrica de Escolas”, uma usina de pré-moldados que agilizavam a construção e implantação dos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs no Rio de Janeiro, mas para ser viável seriam necessários vários projetos e nós implantamos 6 ou 7 escolas, criando de 4 a 5.000 vagas, o que ajudou a recolocar alunos cujas famílias passaram a ter dificuldades de mantê-los nas escolas particulares, parte em função da diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil.

Tivemos uma ação junto ao SESI, que ocupava um prédio do município, mas por ser uma escola de bom nível, a disputa por vagas era muito intensa e foram necessárias ações, que conduzi para o cumprimento do regulamento interno da instituição que destinava no mínimo 10% das vagas para crianças do bairro. A evolução das ações e a melhoria das relações entre o município e o SESI permitiram a viabilização da construção e implantação de uma unidade, aumentando assim, o número de vagas de 900 para 1.600.

MLSB: O senhor acha que os recursos atuais das tecnologias de informação e comunicação podem ser úteis na capacitação do contingente de trabalhadores no setor têxtil?

HC: Novamente quero ressaltar que a nossa preocupação como gestor do sistema educacional eram o Ensino Infantil e Fundamental, inclusive fui convidado para mostrar o programa de Americana em diversas cidades como Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Maringá e Brasília. Em 2005/2006 compramos um projeto pedagógico da Lego pelo valor de R\$ 900.000,00 (novecentos mil reais). Treinamos os professores e implantamos no Ensino Fundamental em 2006 e no Ensino Infantil em 2007. Portanto, acreditamos no ensino com uso de tecnologia, fazendo com que os alunos tivesse acesso ao Aprender/Agir;
Aprender/Fazer;
Aprender/Ser;
Aprender/Pensar;

Aprender/Conviver.

Nosso projeto foi Culturalista-Construtivista, seguindo os experimentos de Darcy Ribeiro, com base em John Dewey. Os CIEPs, como Escola em Tempo Integral intercalavam as atividades da grade curricular: oficinas culturais, onde pessoas da comunidade como esportistas, artistas, músicos, entre outros complementavam o projeto da educação com cultura. Portanto, há 20 nós já tínhamos salas de informática nos CIEPs como apoio e reforço escolar. A compra do projeto pedagógico da Lego chegou a nos causar problemas com a Promotoria Pública que nos questionou e ameaçou de processo de improbidade administrativa, por entenderem que os gastos foram feitos em brinquedos, sendo que nós já tínhamos, inclusive, *Kits* de robóticas no projeto. Foi necessário também um pronunciamento da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos - ABRINQ e o auxílio do setor jurídico da Lego para o convencimento de que se tratava de material pedagógico.

APÊNDICE E – Entrevista João Batista Giordano.

Dia: 27 de Maio de 2013 – 14 h

Local: Fatec Americana

Ex-Químico de indústria têxtil

Professor e pesquisador no setor têxtil

MLSB: A abertura econômica iniciada no Governo Collor provocou a diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana? Foi de forma uniforme ou afetou mais algumas categorias profissionais?

JBG: Diretamente afetou o setor têxtil, mas indiretamente afetou todos os setores da economia de Americana, pois tudo girava em torno do setor têxtil. Logicamente quando o setor fracassava, refletia no comércio, restaurantes e outras empresas que prestavam serviço para a indústria têxtil. Até aqui na FATEC houve reflexo dessa situação. Diminuição na procura pelo vestibular e do perfil dos alunos do têxtil. Tivemos alunos querendo se qualificar e alunos de outros setores querendo um diploma de 3º grau para facilitar uma possível recolocação no mercado.

MLSB: Quais os setores da sociedade se mobilizaram para amenizar os impactos causados pela redução dos empregos? Governos, Empresas, ONGs, Sindicatos, Grupos Religiosos, Clubes de Serviços, Associações? O que elas fizeram? De onde vieram os recursos?

JBG: Quem mais se mobilizou foram os próprios empregados, sindicatos de funcionários e sindicatos das indústrias.

MLSB: O senhor conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tiveram dificuldades de encontrar atividade que pudesse sustentá-los? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool?

JBG: Houve pessoas que mudaram de ramo de atividade e de cidade. Não cheguei a conhecer gente que sofreu todas estas adversidades.

MLSB: O senhor acha que os recursos atuais de comunicação através de computadores, se estivessem disponível na época (1998/2000) poderiam ter ajudado de alguma forma? E atualmente, já que as ameaças continuam, estas tecnologias poderiam contribuir para melhorar as condições de vida, cidadania, mobilizar as pessoas em torno de causas que melhorem sua vida, educar e desenvolver habilidades dentro e fora do setor têxtil, reconstruir projetos de vida, buscar a autonomia?

JBG: De certa forma poderia ajudar, não sei precisar quanto ajudaria. Atualmente sem dúvida pode ser uma ferramenta a mais para a pessoa se qualificar e ter maior possibilidade na concorrência no mercado de trabalho

MLSB: Em sua opinião, além das escolas tradicionais, quais seriam os locais, ambientes, instituições, grupos, que poderiam em conjunto com as tecnologias dar à comunidade novas oportunidades?

JBG: As próprias empresas, no sentido de melhorar e qualificar melhor sua mão de obra, pois uma mão de obra qualificada não é a todo instante que se tem. Há necessidade de investir no pessoal da empresa.

APÊNDICE F – Entrevista Mário Zocca.

Dia: 31/01/2013 – 14h30 – 15h45

Local: Escritório da Zocca Têxtil – Rua Turmalina, 61 - Santa Bárbara D'Oeste

Tesoureiro do Sinditec – 1989/1993

Vice Presidente do Sinditec – 1993/1997

Presidente do Sinditec – 1997/2005

Presidente da Associação Comercial de Americana - 1996/1998

Nota: Acompanhado do Professor Ricioti Coversi Filho

MLSB: Sr. Mário, primeiramente muito obrigado por me receber. Esse é um trabalho acadêmico para o mestrado em Educação do Unisal.

MZ: Eu já recebi muita gente e não iria deixar de receber você, especialmente porque tenho muito respeito pela FATEC e UNISAL, pois são instituições ligadas à vida e à história de Americana, além do Professor me ser apresentado por um velho amigo como o Ricioti.

MLSB : Que bom! Vamos começar.

1. A abertura econômica iniciada no Governo Collor provocou a diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana? Foi de forma uniforme ou afetou mais algumas categorias profissionais? Pegou quem estava mais bem preparado de forma igual aos que estavam menos preparados?

MZ: Professor, eu vou falar o que senti na época, para quem deu sangue para Americana, como o pai desse aqui (referindo-se ao Prof.^o Ricioti que me acompanhava) e eu, o sentimento é o que aconteceu já que na época que eu era Presidente da Associação Comercial de Americana. Depois acumulei o cargo de Presidente do Sinditec porque o Elieser ficou doente, então quem pegou o pau aqui foi tudo eu como Presidente. Quando veio a abertura Collor, ninguém no primeiro momento se preocupou com nada, depois de um ano que veio a preocupação, daí ele escancarou a porta. Enquanto ele falava que os carros eram carroça, essas coisas, tudo bem, mas a hora que começou a vir fio, da China, as nossas fiações antiquadas e ninguém fazia nada para melhorar, porque vendia ao preço que queria. Nós precisávamos de 20

toneladas, 20.000 toneladas por mês para suprir e o poliéster subindo e o algodão descendo no nosso sistema aqui de Americana – tecidos planos – as fiações pouco se lixaram, não modernizaram nada, não tinha mais custos e o que aconteceu? Foram buscar lá fora. (telefone interrompe).

Fio que aqui custava, vamos supor R\$ 2,00 vinham por R\$ 0,60, aí os importadores, judeus, turma que vive lá dentro do negócio, começou a importar e vender para nós, mas como eu era o Presidente, não queria que acontecesse isso e fui defender o emprego e a cidade. Começou a ter desemprego, começou a vir tecidos aos montes, também junto com os fios. (Ricioti lembra que eram da Coréia), sim da Coréia, eu falo China como tudo, vamos falar os Asiáticos. Aí começou fecha um aqui, outro lá, tinha mais ou menos 1.100 tecelagens e de uma hora para outra ficamos com 500, todo mundo quebrou, ninguém estava preparado, uma porque estávamos com 70% das máquinas antiquadas. Ninguém deixou a gente se preparar e então, algumas fábricas que estavam preparadas, Professor, sentiram menos, mas o resto foi embora, modo de dizer. Eu tinha um pouco de Tear Ribeiro, estava meio avançado para a época, passei uma dificuldade danada e por isso não fechei. Fui trocando de produto e consegui sobreviver, se você falar para mim se eu ganhei dinheiro, não ganhei, mas estou sobrevivendo, essa fase difícil vai passar.

Bem, aí começamos as discussões com as fiações, mas eles não podiam vender nesses preços. Então precisava sobretaxar e, mesmo sobretaxando, nós não conseguíamos ser competitivos com os nossos “ferros velhos” e aqui se a nossa máquina fazia cinco toneladas por mês, os asiáticos faziam cem toneladas e o governo dizia: Vocês precisam fazer um *pool* das fiações brasileiras pegar o “*Poy*”¹⁴ de lá em vez de fazer uma fábrica aqui. Trás de lá e trás também máquinas de ponta e vocês vão vender mais barato, porque a China hoje está vendendo a U\$ 0.60 agora, mas daqui a dois anos vai vender a U\$ 1.50/1.80. Ninguém acreditou e então foi briga daqui, briga de lá, até o negócio começar a ficar feio, desemprego a vontade na nossa região, em São Paulo, Nordeste, Minas Gerais, Norte. Afetou tudo, tanto que nós fizemos um

¹⁴ POY (do inglês Partly Oriented Yarns), que significa Fio Parcialmente Orientado.

movimento para amenizar isto, mas não conseguimos. Fazíamos reuniões sempre com o Governo Federal, mas eles não entendiam o que isso ia afetar. Eles queriam o quê? Que viesse barato para conter a inflação e você que fosse se safar, mas chegou uma hora que ninguém mais pagava ninguém, não pagava imposto, fornecedor, não tinha emprego, pessoas passando fome e aí começaram a pensar diferente.

2. Quais os setores da sociedade se mobilizaram para amenizar os impactos causados pela redução dos empregos? Governos, Empresas, ONGs, Sindicatos, Grupos Religiosos, Clubes de Serviços, Associações? O que elas fizeram? De onde vieram os recursos?

MZ: Veja só, Professor, nós trabalhamos muito, o Ricioti é testemunha (fazendo referência ao meu acompanhante Prof.^o Ricioti). Nós começamos um movimento muito grande, porque o povo estava comprando barato, ele estava pouco se lixando, só quem estava perdendo eram as empresas, mas o desemprego chegou também na casa deles e aí começou o desespero e nós começamos a nos movimentar. Procuramos o Presidente do Sindicato dos Empregados, fui para São Paulo conversar lá, mas eles deram “pouca bola”, porque não tinha chegado lá, porque as fiações na maior parte é que comandavam. Começamos a viajar, eu e o João Girardi, para descobrir onde estavam os Sindicatos Têxteis, Confecções. Íamos para São José do Rio Preto, ficávamos na região toda, dávamos entrevistas na televisão, mobilizamos Santa Catarina, Rio e Grande do Sul, Norte e Minas Gerais, sindicatos patronais e de trabalhadores. Foi aí que o Governo tomou conhecimento. Quando ele começou a ver o movimento, apareceu aqui um deputado de Piracicaba, o Machado (Ricioti lembra: Deputado Federal José Machado) do PT, mas ele era correto, era um movimento suprapartidário. Ele reuniu um grupo de cinco deputados para defender o setor Têxtil e fizemos a primeira reunião em Americana. Depois, decidimos fazer um trabalho e o Machado tem muito valor como também o Aldo Rebelo, do esporte agora, mais dois deputados do Rio Grande do Sul e dois de Minas abraçaram o negócio. Eles vinham para Americana e a gente discutia. Começamos a arrebancar o povo.

MLSB: Quando o senhor fala : nós, o senhor estava representando quem?

MZ: O Sinditec e a Associação Comercial que são entidades cujos recursos vêm da indústria, então veja só, começamos a fazer o trabalho sem dinheiro, sem nada. O Prefeito Frederico (Sumaré) e o Simão (Nova Odessa) ajudaram muito e o José Maria (Ricioti lembra que era de Santa Bárbara D'Oeste) ajudou com um “pé atrás”, acho que ele estava querendo ficar sozinho, mas deu uma ajudinha. Quem lutou muito foram o Frederico e o Simão, iam “*pro pau*” junto, eram do PMDB e se reuniam toda semana com os deputados que vinham para a região. Nós não tínhamos dinheiro para ir para Brasília (telefone interrompe). Aí começamos a nos movimentar. O Sindicato Têxtil estava ficando preocupado, ninguém tinha dinheiro para nada. A Associação Comercial teve uma inadimplência de 60%. Nós tínhamos que fazer alguma coisa e começamos a conversar com os empresários que podiam nos ajudar. Se você não quiser aparecer, eu dizia, pelo menos da um “dinheirinho” para a gente começar o movimento e ir para Brasília, pagar um lanche para a turma, levar gente para a capital. Conseguimos fazer um ônibus com aposentados e em Brasília eles visitaram gabinetes e eu, João Girardi, Simão, Hezel que deu um jeito na saúde dele. Foram junto, Presidentes dos dois sindicatos de Americana e de Santa Bárbara.

MLSB – Sindicato de Trabalhadores?

MZ: Sim, empresários e trabalhadores. Fomos para Brasília visitar gabinetes, os operários panfletaram os gabinetes, visitaram Deputados, Senadores, Ministério. Fizeram um mutirão. Mas folhetos custavam, como eu tinha liberdade com um Diretor da Fibra, a gente conversava muito e ele liberou a tipografia para nos ajudar. Tudo que eu pedi ficava pronto no outro dia. Onde eu fui, eu não estou falando que fui eu, mas eu representava uma sociedade e nunca falaram não. Naquele dia visitamos 45 gabinetes e pegamos 45 assinaturas para a Frente Parlamentar da Indústria Têxtil e quando voltamos para Americana, aquele dia emocionou, tinha *fax* do Sarney como Presidente do Senado e mais 4 senadores apoiando a Frente. Voltamos para Brasília, conseguimos mais assinaturas e formamos um Frente com 120 Deputados e 16 Senadores e eles começaram a trabalhar para fazer uma nova lei, para impedir as importações e a gente respirar e quando nós vimos que não ia

funcionar, resolvemos que precisávamos fazer algo de impacto. Eu tinha visto que na França e Itália os “zinhos” – Asiáticos – estavam inundando o mercado com pescado e os trabalhadores começaram a jogar peixes no mar. Eu vi aquilo e fui para São Paulo para uma reunião com mais de 40 e falei: Só tem um jeito, jogar *contêiner* no mar. “Você tá louco moleque” falou o Medeiros (Deputado Federal Luiz Antonio de Medeiros), eu perto deles era um moleque. Então eu disse: Vocês vão ter que nos ajudar a fazer alguma coisa. O que vocês têm na cabeça? Perguntou-me o Medeiros. Não interessa, eu respondi. Aí começou a Globo e Bandeirantes falando que éramos ferros velhos, arrebatando com a gente, aí o Girardi, com muito jeito, levantou pelas fábricas de pentes que tínhamos no Brasil 59% de teares de ponta e em Americana 70% (Ricioti intervêm: Então não éramos ferro velho!). Aí nós começamos a rebater. Assim foi a luta, mas tem mais coisas para frente.

3. O senhor conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool? Tiveram dificuldades de encontrar outra atividade que pudesse sustentá-los? O projeto de vida deles foi interrompido?

MZ: Foi sim, Professor, foi muito grave. Teve gente que ficou doente, famílias inteiras nas ruas, não tinham onde se apegar, não tinha o que comer, os empresários não sabiam mais o que fazer, não tinha como pagar o empregado, a justiça veio em cima e tirou o pouco que restava. Foi um sofrimento, muitas pessoas ficaram doentes e não se recuperaram, nós perdemos muitos amigos, causou muito problema, foram ficando doentes e faleceram. O que o senhor está fazendo, Professor, é muito importante para que a gente comece a olhar, daqui para frente, de forma diferente as coisas. Não é como estão falando: ou você entra junto com a China ou você morre, tem que fazer como o Obama (Presidente do EUA), morre a China, mas não morre Americano. Nós temos que ir para os mesmos caminhos juntos, um ajudando o outro, temos que nos ajudar, não precisa você vir aqui, nós precisamos juntos chegar ao Governo e pedir financiamentos de longo prazo; nós estamos na mesma situação da época do Collor, mas o Governo dá dinheiro para Shopping, Supermercado,

inventa ferrovia, inventa hidroelétrica, inventa um “Batista da vida” (Eike Batista do grupo EBX), que pega tudo e não paga ninguém e nós, com R\$ 500 mil cada um do nosso porte para pagar em 4 ou 5 anos de capital de giro, levantamos este país de novo como um foguete; o país está quebrado e não só o setor têxtil. O Camelatto (fabricante de peças) saiu daqui antes de vocês. Ele me disse que os metalúrgicos estão ferrados, quem faz peças para o setor de autopeças está na mesma situação. Então Professor, isto que está acontecendo aqui é muito importante para o futuro nosso, talvez eu não veja, talvez este moço aqui (fazendo referência ao Ricioti) que é mais novo que eu, vai ver. Eu sou um pouco mais velho que ele (Ricioti intervêm: Tenho 69 anos). Eu sou um pouco mais velho, tenho 73 anos, mas como não tem idade para morrer, vou vivendo. Eu já falei que de infarto não morro, o que eu tomei de cacetada no último ano, mas superei, quero ver a felicidade de todos, quero ver o que a FATEC e UNISAL estão fazendo, o que o Professor está fazendo, sem saber quem está por trás. Eu sei que vocês não querem o poder, querem trabalho. Tem um ditado que diz que o dinheiro é bom e o poder é ruim e os políticos têm os dois e é um mal para a sociedade.

Estou correndo, mas estamos dentro do que o Professor está querendo?

MLSB: Exatamente. O que eu quero é saber o que as pessoas sofreram lá fora, na comunidade, em consequência dos problemas enfrentados pelos empresários, que no fim, descarregaram na sociedade em todos os níveis, pois o operário sem trabalho deixa de comprar no mercadinho, não vai ao dentista, tira o filho da escola particular.

MZ: O senhor me perguntou anteriormente se tivemos apoio dos grupos religiosos. Todas as igrejas responsáveis nos apoiaram muito, muito mesmo, não vamos discutir religião, mas sim as soluções que eles trouxeram.

MLSB: O senhor acha que os recursos atuais de comunicação através de computadores, se estivessem disponível na época (1989/1990), poderiam ter ajudado de alguma forma? E atualmente, já que as ameaças continuam, estas tecnologias poderiam contribuir para melhorar as condições de vida, cidadania, mobilizar as pessoas em torno de causas que melhorem a sua vida, educar e desenvolver habilidades dentro e fora do setor têxtil, reconstruir projetos de vida, buscar a autonomia?

MZ: Veja bem Professor, isto está muito bem colocado. Sem tecnologia nós não vamos enfrentar nada, se tivéssemos hoje mais aperfeiçoados, aqui na minha empresa não estou, uma porque demoramos muito e outra porque o Governo não ajuda, com tecnologia e diminuição na carga tributária, eu teria uma fábrica de ponta e colocaríamos produto na China com qualidade brasileira e não tudo torto como eles fazem. Um amigo comprou uma camisa nos EUA por U\$ 20.00, mas estava com as costuras tortas e aproveitando na época do plano Collor eu consegui falar com a Rede Globo no Jornal Nacional e Jornal da Noite. Uma noite eu estava em casa e o Nelson me ligou e falou: Mário desce para a Associação Comercial que o Jornal Nacional está vindo. Eu falei: - Você está maluco rapaz? Ele respondeu: - Vai lá e se vira. Vesti uma camisa e fui até lá. Quando cheguei já estava tudo montado, repórter sentado, câmeras instaladas, tudo pronto e começaram as perguntas. Perguntaram:

- Se nós éramos ferros velhos.
- O que estava acontecendo com o setor.
- Se o produto importado era ruim.

Comecei a falar e tive uma felicidade: o Espírito Santo me ajudou muito, pois o repórter bem vestido, de terno e gravata, eu perguntei quanto ele queria apostar que aquela roupa que ele vestia não era Asiática. Ele perguntou por que eu achava, respondi que a gravata era Italiana, a costura da gola da camisa e a caída do terno eram de muito boa qualidade e por estes motivos é que estávamos brigando, não dava para comparar a qualidade dos produtos importados da China. Eles meteram a entrevista duas vezes na mesma noite e por volta da meia noite o telefone de casa não parava de tocar, gente do Brasil todo dizendo: Zocca, você é um cara de coragem. Marcou muito no país a entrevista e a partir daí eles pararam de falar que éramos “ferro velho”.

MLSB: A televisão na época era uma das tecnologias de comunicação mais avançadas e com grande poder de comunicação, o que continua acontecendo agora.

MZ: Aí as outras emissoras começaram a me procurar. O Ferreira Neto tinha um programa em São Paulo, mas gravou um programa comigo de 1h15, em

Brasília, 3 meses antes de morrer¹⁵ e nos bastidores falava “baixa o cacete” e me perguntou se ele vestia no momento roupas nacionais ou importadas e eu respondia que era nacional por isso, isso, isso e dava detalhes da qualidade do acabamento. A imprensa então se abriu para nós. A CBN de Brasília falava comigo toda a semana, perguntando como estavam as coisas, o que estava sendo feito, o que estava acontecendo, etc.

MLSB: Em sua opinião, além das escolas tradicionais, quais seriam os locais, ambientes, instituições, grupos que poderiam em conjunto com as tecnologias dar a comunidade novas oportunidades?

MZ: Professor, em minha opinião, nós temos o Polo Têxtil que foi uma luta nossa. Depois tivemos alguns problemas, mas estamos nos recuperando. Conseguimos treinar junto com a FATEC, SENAI e SEBRAE que ajudaram muito. Depois tivemos problemas que não vou comentar e fomos enganados. Mas a USP São Paulo, Unicamp, Faculdade de São Carlos, todos vieram aqui dar curso, mas sabe para quem? Para os empregados. Formamos mais de 400 novos empregados com outra cabeça, com propostas de procurar novos campos, modernizarem, etc. Eles também mandavam seus técnicos, Engenheiros, Professores para ver como as coisas funcionavam, como é que trabalhávamos. Então estou tentando reativar com o SEBRAE, mas tivemos muito apoio da Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, IPT que ficou um ano de graça avaliando os nossos produtos. O SENAI de Americana o que fez e continua fazendo, trazia os “cobras” de São Paulo em modelagem, treinamos desenhistas e costureiras. A Cacilda da Kalcyumara foi formada lá, ela fez modelagem aqui, aprendeu fazer modelo lá, você acha que ela precisava? Mas foi ver o que poderia estar errado para melhorar, eu fiz curso no SENAI (Ricioti intervém: Sua filha fez curso comigo no SEBRAE), o meu filho e todos os meus sobrinhos fizeram curso no SENAI.

MLSB: Iniciativas fora dos grandes núcleos das universidades, como nos sindicatos, grupos religiosos, clubes de serviços, ONGs, associações o senhor não acha que poderiam ser canais interessantes de comunicação com a

¹⁵ Ferreira Neto morreu em 05/08/2002

comunidade, ajudando não só na formação técnica, como também na formação da cidadania?

MZ (intervém) – O Professor disse a “palavrinha” importante – cidadania – um cara que tem cidadania não compra uma sombrinha de R\$ 5,00 para usar uma vez e jogar fora, Tem que acabar este pensamento, temos que ser patriotas. Lá nos EUA se falarem para não comprar, eles param de comprar e aqui só porque é barato, custou pouco, jogamos fora. Em 1996 eu vendia um metro de tecido por R\$ 3,00 agora vendo por R\$ 2,60. (Daniel, filho do empresário, entra na sala e é apresentado).

MLSB: Muito obrigado. Sei do seu compromisso desta tarde, mas foi muito interessante e vai contribuir muito com o meu trabalho.

APÊNDICE G – Entrevista Pedro Furlan – Presidente da FIDAM

Dia: 12/02/2014 – 18 h – 19h15

Local: Av. Nossa Senhora de Fátima, nº 200

FIDAM: Feira Industrial de Americana

Pedro Furlan – Proprietário da Indústria de Roupas Androvas - Americana

Nota: Acompanhado pelo Sr. Wladimir Angelino Faé, proprietário da Faé Fabril - Americana

INFORMAÇÕES GERAIS APRESENTADAS POR PEDRO FURLAN:

A primeira Feira Industrial de Americana ocorreu em 1961 no salão de festas da Igreja Matriz de Santo Antonio em Americana, com o objetivo de promover a cidade como importante centro produtor de tecidos na região e no estado.

Com o passar do tempo, já no espaço atual de 26.000 m², além de exposições diversas e eventos corporativos, parte da área é utilizada para o lazer com instalações de parques de diversão .

Sempre promoveu rodadas de negócios, aproximando a indústria dos seus clientes e atualmente abriga uma cooperativa de costura em sua incubadora de negócios.

MLSB: Quais os principais motivos, em sua opinião, da acelerada perda dos postos de trabalho na indústria têxtil de Americana, em especial após o Plano Collor?

PF: A abertura comercial foi muito agressiva e rápida. Não deu tempo para a indústria local se preparar e, em seguida, a mesma abertura proporcionou a importação de novas máquinas para o setor com mais recursos e tecnologia, que também necessitavam de um número menor de operários. Alguns outros fatores também interferiram de uma forma geral (PF analisa o gráfico de empregos do Brasil, estado de São Paulo, Polo Têxtil e Americana, produzido pelo autor), sendo o câmbio um deles.

Especificamente para o nosso estado, e por consequência também para a nossa região, os incentivos fiscais para importações por outros estados – chamada guerra fiscal – promoveu o fechamento de empresas aqui para se instalarem em estados como o Mato Grosso do Sul e Ceará.

Outro fator determinante para ajudar a entender o números, foi o deslocamento do eixo de produção de algodão iniciado na década de 1990 em direção ao Centro Oeste e Norte-Nordeste, onde atualmente 80% da produção de algodão está localizada.

WAF: Um tecelão na época da abertura cuidava de 2 a 4 teares. Atualmente um trabalhador cuida de mais equipamentos e a produção de cada um é muito superior aos do passado, além do que a automação interfere rapidamente nas máquinas evitando que continue a produção se um fio se quebrar, evitando o retrabalho de desfazer parte do tecido para recomeçar a produção.

MLSB: Do ponto de vista da educação, treinamentos e cursos, o que podemos destacar?

PF: O sindicato dos trabalhadores promoveu cursos de contra mestres; eles fizeram bastante coisa durante este período. Aqui hoje abrigamos uma cooperativa de costura, na incubadora em parceria com a Rede Paulista de Inovação - RPI para o fortalecimento do empreendedorismo.

APÊNDICE H – Entrevista Angelino Raymundo Fortunato - Zizo

Dia: 17.01.2013 – 9h30 – 10h30

Local : Escritório do empresário

Empresário no setor têxtil até 2000

Empresário em outros setores de 2000 até o momento

Primeiro presidente do Sinditec – 1989 a 1993

Vereador – 1997 a 2000

MLSB: A abertura econômica iniciada no Governo Collor provocou a diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana? Foi de forma uniforme ou afetou mais algumas categorias profissionais?

ZF: Foi de forma uniforme, empresas de todos tamanhos foram afetadas e dentro delas, o pessoal da produção sofreu primeiro, mas tanto os empresários, como os trabalhadores sofreram as consequências.

MLSB: Quais os setores da sociedade **que** se mobilizaram para amenizar os impactos causados pela redução dos empregos? Governos, Empresas, ONGs, Sindicatos, Grupos Religiosos, Clubes de Serviços, Associações? O que elas fizeram? De onde vieram os recursos?

ZF: Os sindicatos da indústria e dos trabalhadores se movimentaram bastante. **O** Governo demorou a entender o problema, mas de forma geral toda a sociedade colaborou no que era possível.

MLSB: O senhor conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool? Tiveram dificuldades de encontrar outra atividade que pudesse sustentá-los?

ZF: Tivemos problemas gerais, porque os empregados no setor representavam muito na economia da cidade, e todos enfrentaram dificuldades.

MLSB: O senhor acha que os recursos atuais de comunicação através de computadores, se estivessem disponível na época (1998/2000), poderiam ter ajudado de alguma forma? E atualmente, já que as ameaças continuam, estas tecnologias poderiam contribuir para melhorar as condições de vida, cidadania, mobilizar as pessoas em torno de causas que melhorem sua vida, educar e desenvolver habilidades dentro e fora do setor têxtil, reconstruir projetos de vida, buscar a autonomia?

ZF: Hoje a facilidade de comunicação que os computadores trouxeram, oferecem benefícios em todos os setores, fica mais fácil e rápido.

MLSB: Em sua opinião, além das escolas tradicionais, quais seriam os locais, ambientes, instituições, grupos, que poderiam em conjunto com as tecnologias

ZF: As associações e sindicatos podem contribuir, além do SENAI e SENAC, que sempre ajudaram nos momentos mais difíceis.

APÊNDICE I – Entrevista Ricioti Coversi Filho

Dia: 29 de Janeiro 2013

Local: FATEC- Americana

Empresário e Professor Universitário

Facilitar do SEBRAE na década de 2000

MLSB: A abertura econômica iniciada no Governo Collor provocou a diminuição dos postos de trabalho no setor têxtil de Americana? Foi de forma uniforme ou afetou mais algumas categorias profissionais?

RCV: As categorias profissionais ou, digamos, segmentos produtivos mais afetados pela chamada “abertura” foram: calçadista, têxtil e cerâmico. Os polos mais penalizados, pela ordem, foram: Franca e Novo Hamburgo (RS) (calçados), Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D’Oeste e Nova Odessa (têxteis). Quanto ao segmento cerâmico, foi a região de Pedreira também no estado de São Paulo.

MLSB: Quais os setores da sociedade que se mobilizaram para amenizar os impactos causados pela redução dos empregos? Governos, Empresas, ONGs, Sindicatos, Grupos Religiosos, Clubes de Serviços, Associações? O que elas fizeram? De onde vieram os recursos?

RCV: Um dos programas de capacitação elaborados pelo Governo Federal foi a obra da parceria junto ao SEBRAE que, em nível nacional, promoveu o “Brasil Empreendedor”. Participei como Facilitador (Professor) no programa. Pelos números citados na ocasião, ano 2000, mais de um milhão e duzentos mil trabalhadores, empregados ou não, fizeram adesão. Era gratuito e a entidade que abrigava os grupos deveria proporcionar: lanche, apoio físico e assistencial, fornecerem passe de ônibus urbano para deslocamento do cidadão, já que grande parte estava desempregada. Em Americana tivemos: Associação Comercial e Industrial de Americana - ACIA, Legião da Boa Vontade - LBV, FATEC, SENAI e algumas comunidades religiosas. Os recursos provinham por meio do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, via SEBRAE que fazia a triagem e indicações locais das instituições.

MLSB: O senhor conheceu pessoas que perderam parte ou todo o seu patrimônio? Perderam qualidade de vida física (doenças), sociais (excluídas do convívio com grupos ou entidades, clubes) e familiares (lares desestruturados), sofreram ou provocaram violência física? Tornaram-se dependentes químicos ou de álcool? Tiveram dificuldades de encontrar outra atividade que pudesse sustentá-los?

RCV: Grandes indústrias locais fecharam as portas. Como a grande maioria era de administração familiar, não havia profissionalização de determinados cargos estratégicos. Podemos citar: CITRA S/A, DISTRAL S/A, Têxtil Thomaz Fortunato S/A e um sem número de pequenas empresas. Na ocasião, a cidade de Americana praticamente orbitava na esfera têxtil. Com a gestão do Prefeito Abdo Najar, que proporcionou a vinda da Cia Goodyear do Brasil, outras vieram e a produção foi diversificada. Na ocasião já contávamos com duas fiações japonesas, a Toyobo do Brasil e a Nichibo do Brasil, atual Unitika. Vários casos de desagregação familiar e desequilíbrios pessoais foram percebidos já que nascemos em Americana e conhecemos uma grande maioria de cidadãos. Com respeito à violência física e criminalidade, podemos dizer que aumentaram consideravelmente com os acampamentos das construtoras que aqui vieram para edificar as novas empresas.

A ociosidade dos trabalhadores da construção civil e concentração em acampamentos (dormitórios) no entorno das construções induzia à violência.

MLSB: O senhor acha que os recursos atuais de comunicação através de computadores, se estivessem disponível na época (1989/1990), poderiam ter ajudado de alguma forma? E atualmente, já que as ameaças continuam, estas tecnologias poderiam contribuir para melhorar as condições de vida, cidadania, mobilizar as pessoas em torno de causas que melhorem sua vida, educar e desenvolver habilidades dentro e fora do setor têxtil, reconstruir projetos de vida, buscar a autonomia?

RCV: Com certeza, pois a capacitação dos jovens e mesmo do cidadão da terceira idade tornou-se ordem do dia. Eu não diria categoricamente que nos anos duros de crise teriam diminuído a violência ou outras causas, já que o Brasil estava atrasado em tecnologia e os equipamentos eram muito caros.

Aqui devemos lembrar que o Governo Federal, com o pretexto de defender a indústria nacional da concorrência predatória, que afinal veio para ficar, criou a Computadores do Brasil S/A - COBRA para “reserva de mercado”. Não se podia comprar um computador pessoal no exterior, pois era ilegal, mas a COBRA não atendia a demanda. Criou-se um apagão tecnológico. Se houvessem as facilidades de hoje, Ensino a Distância - EAD, Tele Cursos (que se iniciaram nessa época), com certeza a situação seria diversa. Atualmente não se fala em inserção social sem falar em inserção digital.

MLSB: Em sua opinião, além das escolas tradicionais, quais seriam os locais, ambientes, instituições, grupos que poderiam em conjunto com as tecnologias dar à comunidade novas oportunidades?

RCV: Na região urbana, as facilidades públicas já existentes como: escolas municipais, estaduais e mesmo federais. Instituições de Ensino Superior, que particulares quer oficiais, Associações dependendo da região (industriais, comerciais e agrícolas), Cooperativas, CIEP's, Sindicatos e, com a força que hoje detém entidades religiosas e suas comunidades, das mais diversas. Clubes de Serviços e até esportivos com suas sedes por empréstimo.